

S umário

03 **E**ditorial

Katia Siqueira de Freitas

05 **A**valiação processual na Pré-Escola

Cáritas Vanucci Batista Santos

10 **V**ivência **P**edagógica: Uma experiência divertida

Ana Patrícia Freitas dos Santos

11 **R**elações Interpessoais: *o respeito ao próximo*

Regiane Lima Nascimento

12 **O**pções **E**stratégicas para a **R**eforma **E**ducacional

Maria Cleide de Sousa Mira

13 **M**ódulos e **V**ivências **P**edagógicas: atualização em serviço da **E**quipe **E**scolar

17 **C**omunicação e **E**ducação

Carmem Luciana Cardoso Martins Santos

Maria Áurea dos Santos Ribeiro

Regiane Lima Nascimento

R esenas

39 **S**upervisão **E**ducacional

Fernanda Santos Bastos

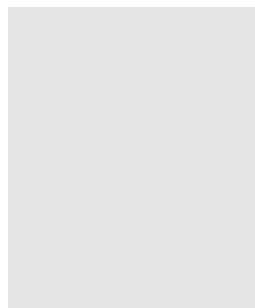
41 **E**ducação de **J**ovens e **A**dultos

Fábio Kalil de Souza

Notícias

- 43 **Palestra Grêmio Estudantil nas Escolas**
Eudes Rodrigues da Silva
- 45 **Vivenciando a Paz na Escola Colina do Mar**
Regina Maria de Sousa Fernandes
- 46 **Vivência Pedagógica Gestão humana**
Patrícia Santos da Paixão
- 47 **Encontro para a construção do Plano de Desenvolvimento da Escola (PDE)**
Fábio Kalil de Souza
- 47 **Vivência Pedagógica Relações Interpessoais (SMEC)**
Fábio Kalil de Souza
- 48 **Palestra: A Família no contexto atual**
Fábio Kalil de Souza
- 48 **Palestra Limites e Disciplinas: uma construção diária**
José Raimundo Paim de Almeida
Maria Cleide de Sousa Mira
- 48 **Vivência Pedagógica Como transformar um grupo em uma equipe de sucesso**
Estela Márcia Veloso Barreto
- 49 **Vivência Pedagógica Vivenciando a Paz**
Cáritas Vanucci Batista Santos
Isabel Maria Plácida de Freitas Reis
Regina Maria de Sousa Fernandes
- 50 **ENTRE EM CONTATO**

Editorial



Avaliação processual na **Pré-Escola**

Sabe-se que o processo de avaliação da aprendizagem moldada na nova LDB 9.394/96 tem sido um grande desafio para os professores, pois busca uma prática de avaliação contínua e cumulativa. De acordo Vasconcellos (2000), a avaliação deve ser contínua para que possa cumprir sua função de auxílio ao processo de ensino-aprendizagem.

O importante durante o processo de avaliação é saber por que avaliar e como avaliar. Por essa razão, serão discutidos e analisados neste texto, os motivos que levam o professor a não aplicar uma avaliação processual e as limitações de seu trabalho no cotidiano da sala de aula.

Diversos fatores contribuem para a deficiência apresentada no processo de avaliação na prática pedagógica de diversos professores. Primeiro, o apego ao modo de avaliar pautado nos princípios da educação tradicional, uma cultura impregnada na vida educacional das escolas brasileiras. Segundo, a resistência ao novo, o medo da mudança, da quebra de práticas

rotineiras e a falta de credibilidade às novas propostas políticas educacionais. Terceiro, a comodidade ao que parece ser mais fácil, que é aplicar testes e provas.

Segundo Perrenoud (1999), utilizar a avaliação da aprendizagem como instrumento de discriminação e seleção social vem sendo uma prática comum das escolas, na medida em que assumem a tarefa de separar os “aptos” dos “inaptos”, os “capazes” dos “incapazes”, reforçando, dessa forma, o sistema dominante de separação de classes.

É interessante que a escola e, mais precisamente, os professores estejam inteirados do modelo de avaliação processual para que se sintam seguros em aplicar no seu cotidiano, instrumentos adequados, capazes de garantir uma avaliação que sirva de meio para enriquecer a aprendizagem do aluno. Reconhecendo suas dificuldades e limitações, o professor pode estar abrindo espaço para qualificar sua prática.



Um problema: Fracasso na Aprendizagem

Muitas vezes, a escola tem sido tendenciosa no que diz respeito aos resultados obtidos no final de um ano letivo. Ao fracasso escolar, são lançadas aos alunos e famílias as causas mais significativas pelo saldo negativo gerado, não nos índices de aprovação, mas de aprendizagem.

Na verdade, há sérios fatores que precisam ser encarados como responsáveis pelo fracasso escolar e, esses citados são alguns deles, mas não são únicos. O fracasso da aprendizagem escolar é causado por um conjunto de fatores, envolvendo aí o processo de avaliação pelo qual os alunos são submetidos. Em muitos casos, o professor utiliza a avaliação da aprendizagem como mero instrumento de mensuração e classificação, confundindo, assim, com um exame.

Sabe-se que a avaliação da aprendizagem é um processo de acompanhamento e meio de enriquecer a prática pedagógica do professor em sua sala de aula. Nesse sentido, surge uma questão necessária à verificação do processo da avaliação da aprendizagem: como os professores encaram a avaliação e como elas são realizadas nos recintos escolares?

Como o foco dessa análise está pautada na Educação Infantil, pergunta-se: como os professores estão avaliando os alunos na Educação Infantil? Quais os limites e dificuldades para desenvolver essa prática?

Razões para adotá-la...

A avaliação da aprendizagem tem sido um processo pautado em discussões, na tentativa de unir as propostas teóricas às práticas de sala de aula dos professores, tanto de escolas públicas como da rede privada. A dificuldade de conhecer ou aplicar a avaliação da aprendizagem processual, eficiente, perpassa a prática pedagógica dos professores de forma geral. Ninguém está livre das interrogações que a avaliação submete a quem a executa.

Segundo Vasconcellos (2000), a principal finalidade da avaliação no processo escolar é ajudar a garantir a formação integral do sujeito pela mediação da efetiva construção do conhecimento - a aprendizagem por parte de todos os alunos. Avaliar para quê? Para que os

alunos adquiram conhecimento significativo.

Muitas vezes, a avaliação da aprendizagem tem sido vista como um processo fiscalizador do aluno. O professor aplica determinado instrumento como uma prova, teste ou questionário para fiscalizar a sua aprendizagem. Se ele conseguiu apreender, decorar todo conteúdo transmitido durante a aula, a semana ou a unidade, uma boa nota, conceito ou parecer, no caso da Educação Infantil, lhe será atribuída, caso contrário, o aluno deve ser punido e, conseqüentemente, excluído. Além disso, a prática desse professor se distancia da produção do conhecimento significativo, pois exclui o educando do processo de construção do seu próprio conhecimento.

É no processo de construção, reconstrução dos conhecimentos pelos alunos que instaura o papel da avaliação enquanto instrumento de aprendizagem e como elo integrador da intenção da ação educativa. Assim, a avaliação deixa de ser meramente classificatória e converte-se em um instrumento de ajuda (DARSIE, 1996, p.50).

A avaliação da aprendizagem na Educação Infantil também deve ser um instrumento de ajuda. A observação, o diagnóstico, a descrição, o parecer são instrumentos que valorizam e enriquecem a prática do professor e a aprendizagem dos alunos. Por meio da avaliação é que o professor pode incluir todos no processo da aprendizagem e inovar sua prática, atendendo a necessidade de cada aluno.

Luckesi (2000) faz uma análise acerca da avaliação da aprendizagem como um recurso pedagógico útil e necessário para auxiliar cada educando e cada educador na busca e na construção de si mesmo e do seu melhor modo de ser na vida.

A avaliação da aprendizagem não é e não pode continuar sendo a tirana da prática educativa, que ameaça e submete a todos. Chega de confundir avaliação da aprendizagem com exames, que não são amorosos, são excludentes, não são construtivos, mas classificatórios (LUCKESI, 2000, p.7).

A avaliação não tem um fim nela mesma, ela é um meio para se atingir determinados objetivos. Assim, a avaliação deve estar mais voltada para os aspectos qualitativos, do que para os quantitativos, e isso, vem sendo discutido desde a Lei 5.692/71.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) 9.394/96 acrescenta que a avaliação deve ser contínua, acumulativa, que os dados qualitativos devem sobrepor os quantitativos. Daí surgem grandes dúvidas, anseios e insatisfações acerca da avaliação da aprendizagem. Como avaliar de forma contínua

em uma sala de aula superlotada? Ou, como avaliar na Pré-Escola, se não podem ser atribuídas notas a esses alunos? Eis uma pergunta freqüente feita pelos professores diante de tal proposta.

Primeiro, é interessante deixar claro o que seja a avaliação processual. Em síntese, pode-se considerar a avaliação processual como uma avaliação cíclica, contendo planejamento, diagnóstico, ação, avaliação e reavaliação da prática pedagógica do professor e da resposta do aluno a tal prática.

A avaliação processual deve visar a melhoria do processo de ensino e de aprendizagem, a garantia da aquisição do saber mediante um redirecionamento do processo educativo. Então se o professor já realiza as tarefas, faz seus registros e passa a utilizá-los para fazer a sua avaliação, não necessita criar novos artifícios (LOPES, 1999, p.32).

Aqui está o ponto-chave do estudo em questão. Na Educação Infantil não há provas, testes ou outro instrumento de avaliação semelhante. No entanto, há um processo de avaliação muito importante para o processo de aprendizagem da criança que é o acompanhamento do desempenho do aluno ao longo do ano letivo.

Como diz Darsie, a avaliação não deve ser realizada para punir, mas para ajudar o professor e o aluno. Ela não deve excluir, mas incluir todos no processo de construção de conhecimento, e isso só se efetivará se o professor souber conduzir o trabalho pedagógico.

Conhecendo mais uma experiência

No ano de 2004, ingressei na rede municipal de educação de Salvador. Comecei a lecionar no Pré-Escolar II que atende alunos entre quatro a seis anos (grande maioria, cinco anos). Eram vinte e cinco alunos que freqüentavam a aula. Poucos recursos didáticos, alunos com sérios problemas sociais e sala de aula não apropriada para trabalhar com essa faixa etária, pois havia no centro uma coluna que dificultava a visualização de todos, assim como atividades em círculos. Trabalhar naquela ala já era complicado, imagine avaliar?

Como avaliar crianças tão agitadas? O que fazer diante de alunos para os quais não posso emitir notas? Como vou saber o que eles estão aprendendo ou o que não aprenderam durante a unidade?

São essas as questões mais comuns diante de um professor de Educação Infantil no momento da avaliação.

Mas, não me esquivei! Comecei a trabalhar com os alunos e, a princípio, resolvi fazer um diagnóstico para saber como as crianças estavam na leitura e escrita. Como eram muitos alunos, fui fazendo gradativamente, um a um. No primeiro dia, fiz com sete, no segundo com três e assim, de acordo com o desempenho que cada aluno apresentava, o número variava, até que tinha nas mãos o perfil completo de todos os alunos.

Depois daquele processo, sabia dizer quem conhecia o alfabeto completo, quem não

identificava o alfabeto quais letras sabia; quem estava lendo todas as palavras ou apenas palavras simples; quem não identificava as letras do alfabeto e as confundiam com números e os que já tinham avançado essa etapa.

Esse diagnóstico avaliativo me deu suporte para criar estratégias (planejamento) e implementar minha prática pedagógica (replanejamento e avaliação). O fato de alguns alunos saberem ler e escrever e outros ainda não identificarem as letras do alfabeto, não me deu o direito de punir os que, até então, estavam em uma determinada fase que, em relação a outros, se apresentavam em atraso. Mas, essa etapa de avaliação me abriu horizontes para ajudá-los a descobrir o novo mundo da leitura, que era o meu objetivo.



Comecei então, a selecionar os alunos e distribuir atividades adequadas a cada um. Os que já conheciam a maior parte do alfabeto, ficavam reunidos. Os que já sabiam ler também ficavam em mesas separadas, reunidos. Os que ainda não identificavam o alfabeto também sentavam juntos e tinham suas atividades adequadas ao seu nível de aprendizagem.

Com o passar do tempo, nova avaliação era realizada com esses alunos para saber até onde eles tinham avançado. Por exemplo, os que conseguiram aprender todo alfabeto e sair da fase pré silábica (nesse caso, confundir as letras com os números), avançaram para a fase silábica-alfabética e alfabética. Começaram a ler palavras simples como BOLA, BICO, COLA, CAMA, CABIDE, entre outras. Os que não identificavam as letras do alfabeto e as confundiam com números, conseguiram avançar. Os que já sabiam ler palavras simples, começaram a ler todas as palavras e, quem já sabia ler todas as palavras começou a trabalhar com ortografia e produção de textos dentro de uma escrita padronizada.

Os instrumentos de avaliação utilizados com esses alunos não foram complexos ou de uma realidade inacessível, mas instrumentos simples, produzidos por mim mesma como letras

recortadas de revistas ou desenhadas. Figuras e números colados em papel ofício. Cada aluno deveria identificar as letras e números que lhes fossem mostrados. Esses caracteres não eram mostrados de forma linear, como por exemplo a, b, c, d, ou 1, 2, 3, 4, pois dessa forma, eles identificariam por já ter adquirido memorização sonora desses números e letras, mas de forma aleatória para que eu pudesse avaliar seu nível de conhecimento acerca do conteúdo mostrado.

Essa avaliação ocorria todo mês e, durante esse período, cada avanço mostrado pelos alunos, era aproveitado para que atividades adaptadas a cada um fossem aplicadas. A atividade era de fato processual.

Para Lopes (1999), a avaliação processual pode ser resolvida com algumas atividades e tarefas em sala de aula. O exercício que o professor

passa para o aluno responder, pode ser uma atividade submetida à avaliação, sendo que, para o aluno que apresentar dificuldades, o professor deve criar meios para ajudá-lo. Esse é o intuito real da avaliação processual.

Nessa perspectiva, a avaliação da aprendizagem processual, servirá para fortalecer a aprendizagem significativa, tornando o processo de ensino e aprendizagem menos tenso, menos excludente e mais saudável para a formação do aluno. Assim, a educação contempla seus objetivos e o conhecimento dos alunos ultrapassa os muros da escola, permitindo-lhes inserir no mundo globalizado.

Referências

AFONSO, A. J. **Avaliação educacional**: regulação e emancipação. São Paulo: Cortez, 2000.

AMORIM, Antônio. **A nova LDB**: análise e aplicação. Salvador. UNEB, 1997.

DARSIE, M. M. P., Avaliação e aprendizagem. **Caderno de pesquisa**. São Paulo, n° 99, p.47-49, nov. 1996.

ESTRELA, A.; NÓVOA, A. (Org). **A avaliação em educação**: novas perspectivas. Lisboa: Porto, 1993.

GONZÁLEZ, J. A. T. **Educação e diversidade**: bases didáticas e organizativas. Porto Alegre: ARTMED, 2002.

HOFFMANN, J. **Avaliação**. Mito e desafio – uma perspectiva construtivista. Porto Alegre: Educação e Realidade, 1991.

LIBÂNEO, J. C. et al. **Educação escolar**: política, estrutura e organização. São Paulo: Cortez, 2003.

LOPES, E. C. O. Avaliação da aprendizagem: processo ou produto? **Revista de Educação CEAP**. Salvador, ano VII

Vivência Pedagógica: Uma experiência divertida

Expectativa, participação e diversão. Estas foram as principais palavras que nortearam o desenvolvimento da oficina de brinquedos, realizada pela equipe PGP/LIDERE, com os alunos da Escola Municipal João Lino.

As crianças com idades entre 4 e 7 anos esperavam com os materiais pré-selecionados o grande dia da realização da oficina. A chegada do grupo idealizador da atividade foi uma alegria para todos, houve momento em que uma aluna sugeriu que uma componente do grupo permanecesse trabalhando na escola.

É importante salientar que as oficinas pedagógicas propiciam o despertar da sensibilidade, o sentimento de observação e a criatividade. Além de trocas de experiências, as oficinas favorecem o desenvolvimento do lado artístico, cultural e social, agregando procedimentos de Arte-Educação, apoiados em pilares pedagógicos de observação, experimentação e representação.

Sabemos que o brincar abrange todos os aspectos de formação de indivíduo (social, cognitivo, físico, moral e psíquico) e se constitui essencialmente necessário à infância.

As oficinas são de extrema importância para a assimilação e potencializarão habilidades e competências socioeducativas, estabelecidas através de dinâmicas de participação, cooperação e ação coletiva, o que ocorreu durante a realização da oficina de brinquedos.

Percebemos que no decorrer da oficina os aspectos motor, cognitivo e afetivo, de forma interligada, constituíram bases significativas para o processo de construção e um produto prazeroso, tanto para os alunos, quanto para os professores.

Um dos pontos principais deste processo é saber que as sucatas, famosas por se tornarem brinquedos úteis e criativos, foram as principais peças materiais

para a confecção dos brinquedos, reafirmando assim a importância da reciclagem nas escolas. Garrafas pet, potes de iogurte, retalhos de tecido, cordão, revistas, papéis, cola e tesoura, tudo isso se transformou em petecas, telefones, jogo da memória e bilboquê.

As crianças participaram ativamente e se envolveram com muito interesse e alegria durante a atividade. Apreciaram o telefone, que pedagogicamente facilita a comunicação, a oralidade, o saber ouvir, a organização de idéias para manter uma conversação.

Já o jogo da memória, outro brinquedo construído, trabalha a memorização de pares, combinações, auxilia no aprendizado da leitura quando relaciona gravura e palavra, além de contribuir no desenvolvimento de habilidades para que o processo de aprendizagem ocorra com mais significado.

Percebemos então a importância do brincar e do aprender a construir o seu próprio brinquedo, utilizando a criatividade que emana da criança.

Valeu a pena termos uma tarde com esta vivência pedagógica, pois foi possível a construção de vários brinquedos, a distribuição de diversos sorrisos e muita diversão.

Relações Interpessoais:

o respeito ao próximo

*“Não cometas nenhum ato vergonhoso
nem na presença de outros nem em segredo.
A tua primeira lei deve ser o respeito a ti mesmo”.*

Pitágoras, filósofo e matemático grego.

Cerca de cem estudantes da Escola Municipal Enock Pimentel Tourinho participaram da Palestra “**Relações Interpessoais: o respeito ao próximo**” promovida pelo PGP/LIDERE na tarde do dia dezenove de outubro; a atividade foi mediada pelas educadoras Cáritas Vanucci Batista Santos e Regiane Lima Nascimento.

Ao refletir sobre a importância do respeito ao próximo, os estudantes interagiram e discutiram acerca das várias formas com que nos relacionamos em sociedade (na família, na escola, entre amigos). Num processo dialógico, as mediadoras fomentaram a importância da comunicação, da escuta e da empatia nas relações interpessoais – do respeito a si mesmo e, conseqüentemente ao outro.

A atividade, desafiadora, foi proveitosa, haja vista a grande participação da comunidade discente, que, mediante relatos pessoais e questionamentos, enriqueceram sobremaneira a atividade. É um salto dado para que a comunidade escolar reflita e desenvolva outras atividades sobre o assunto.

Opções Estratégicas para a Reforma Educacional

O curso foi organizado pelo Centro de Estudos Interdisciplinares para o Setor Público (ISP) Universidade Federal da Bahia (UFBA), em parceria com Instituto do Banco Mundial (WBI), no período de 20/09/04 a 01/10/04, tendo como principal objetivo compartilhar conhecimentos e experiências e oferecer oportunidades de reflexão acerca da realidade educacional. Abordou temas importantes para se implantar uma reforma educacional que atenda às necessidades dos sistemas de ensino e da sociedade do conhecimento, como está sendo designada a educação neste século XXI. Todas as discussões foram em torno de como os sistemas educacionais devem se preparar para proporcionar a formação de cidadãos solidários, criativos e bem sucedidos em qualquer área do conhecimento que escolham para atuar e a formação continuada dos profissionais de educação foram estas as discussões com foco na educação brasileira.

Os desafios que a educação brasileira já conseguiu colocar em andamento, (medidas políticas, "Fundef (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério), LDB (Lei de Diretrizes e Base da Educação), PNE (Plano Nacional da Educação)", ampliação da cobertura educacional em todos níveis, estratégias para melhorar a qualidade a exemplo dos "Parâmetros Curriculares para todos os níveis de ensino", o fortalecimento da cultura de avaliação, são muito importantes, mas é preciso avançar muito mais. Segundo a doutora Maria Helena G. de Castro existem quatro desafios que precisam ser superados dentro de um curto espaço de tempo, (1) transformar a pedagogia em aula, 2) enfatizar novos interesses e oportunidades educacionais emergentes na sociedade do conhecimento, 3) ampliar o universo cultural e a educação permanente); só quando esses desafios forem superados é que a

educação alcançará a sua equidade. Para um país como o Brasil que tem uma lei de diretrizes e bases da educação (LDB/96) fundamentada na concepção humanista, em que o aluno é centro, e tem como eixos básicos: equidade, liberdade, unidade, diversidade, flexibilidade, participação, autonomia e avaliação do desempenho tanto dos alunos como das escolas e dos profissionais, há grandes possibilidades de promover grandes avanços nos sistemas de ensino. Até por que os objetivos educacionais da LDB são: capacidade de aprender, compreensão do ambiente (contextualização), formação de atitudes, valores e pensamento crítico, preparação para o mundo do trabalho. Não resta dúvida que se não houver vontade política, dificilmente a educação conseguirá avançar e preparar cidadãos aptos para se inserir na sociedade do século XXI, denominada como a sociedade do conhecimento.

Para se planejar reformas que tenham êxitos em qualquer setor da vida humana, precisa-se começar por uma avaliação do que está se trabalhando e como está se trabalhando naquele momento, seria um diagnóstico da situação atual. Com a educação deve se seguir o mesmo exemplo, porque só a par de como está acontecendo tanto no sistema macro como micro, o processo de ensinoaprendizagem é que podemos adequar ou criar modelos, ou traçar estratégias para se implementar as reformas, que se fazem necessárias para alcançar os objetivos propostos, para o desenvolvimento social e humano.

Módulos e Vivências Pedagógicas: atualização em serviço da Equipe Escolar

I ntrodução

Os módulos apresentados têm por objetivo aperfeiçoar técnicos, gestores, professores e demais participantes das comunidades escolar e local, visando a melhoria da qualidade do ensino. A linguagem utilizada é de fácil acesso, permitindo à comunidade escolar e demais interessados difundir os temas tratados, aplicando-os diretamente à sua prática. A proposta é convidar a escola a um refletir - aprender - fazer coletivo e constante na busca de uma educação cidadã.

A concepção teórica da coleção está fundamentada na gestão compartilhada, a partir da qual a equipe torna-se responsável pelo planejamento, implementação e avaliação de ações decididas coletivamente. Fundamenta-se, também, pela concepção de qualificação permanente e continuada do indivíduo ou da equipe, seja em serviço ou para desenvolver o propósito educativo de forma mais efetiva.

A metodologia utilizada tem como base o trabalho desenvolvido pelo Programa Gestão Participativa (PGP), criado em 1995 na Faculdade de Educação - FACED/UFBA, a partir de convênio entre a Universidade Federal da Bahia e a Fundação Ford. Ela consiste em: fortalecer lideranças próativas; desenvolver equipes coesas; aumentar habilidades para solução de problemas em grupos; trabalhar com orçamento e finança escolar; (re)elaborar o Proje-

to Pedagógico e o Plano de Desenvolvimento Escolar (PDE); desenvolver temas transversais e Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs); ajudar o cidadão a participar da educação nacional; trabalhar arte, emoção e comunicação; apoiar escolas, secretarias municipais e estaduais de educação, preocupadas em implementar gestão participativa, Conselhos e Caixas Escolares; desenvolver múltiplas inteligências; estabelecer parcerias com organizações públicas e privadas e construir e reconstruir, juntos, mais e melhor.

O desenvolvimento dessa metodologia é feito através de módulos temáticos, aglutinadores de vivências pedagógicas. Essas atividades têm o objetivo de ajudar às comunidades escolar e local, no desafio de melhorar a qualidade dos seus processos gestor e pedagógico, com foco no progresso do aluno.

O PGP/LIDERE considera a gestão escolar como responsável pelos processos administrativo, financeiro e pedagógico. Nesse sentido, as atividades preparam o gestor e a equipe para a superação de desafios.

A coleção é composta atualmente por mais de quinze módulos, sumarizados a seguir. Outros módulos estão em construção e testagem, como por exemplo: Educação ambiental, Oficina de leitura para alunos etc.

Módulos Publicados

e em Construção

1 Liderança Educacional.

Desenvolve competências básicas em liderança educacional mediante reflexão-ação-reflexão. Módulo publicado no Gerir v. 9, n. 33, set./out. 2003.

2 Liderança Interpessoal.

Está em processo de elaboração pela equipe PGP/LIDERE.

3 A força da equipe: gestão compartilhada como um diferencial de qualidade.

Analisa teoria e prática da gestão compartilhada, características e condições requeridas para uma gestão eficaz. Desenvolve atitudes e valores: comunicação, processo de identificação, análise, priorização e resolução de problemas, liderança democrática, funções do líder, fortalecimento da equipe escolar, condução de reuniões, uso do tempo, registro da memória e portfólio.

Módulo publicado no Gerir v. 7, n. 21, set./out. 2001 (Parte I) e Gerir v. 7, n. 22, nov./dez. 2001 (Parte II).

4 A LDB 9394/96 e o desenvolvimento escolar.

Analisa as implicações da Lei 9394/96, a escola e os sistemas de ensino, o planejamento e a avaliação de programas educacionais. O que mudou na prática? O que ainda pode mudar?

Está sendo atualizado pela equipe PGP/LIDERE.

5 Gestão compartilhada na prática: o Colegiado/Conselho Escolar.

Desenvolve o potencial dos conselheiros para o exercício de responsabilidades e funções do Colegiado/Conselho Escolar (CE), processo em grupo e construção de equipes, organização e condução de reunião, planejamento, acompanhamento, avaliação e condução do trabalho do CE para atingir maior efetividade.

Publicado pela Secretaria de Educação e Cultura SEC em 1998.

Módulo publicado no Gerir v. 8, n. 25, mai./jun. 2002.

6 Mudança Consentida: Projeto Pedagógico, Plano de Desenvolvimento Escolar e Parâmetros Curriculares Nacionais.

Discute planejamento e desenvolvimento do projeto pedagógico, abordando o currículo, temas transversais e parâmetros curriculares nacionais para construção de quadro analítico e delineamento da realidade escolar; (re)elaboração do “Plano de Desenvolvimento da Escola” - PDE, definindo os princípios, objetivos e metas, definidos pelo projeto pedagógico, bem como a avaliação do seu desenvolvimento.

Módulo publicado no Gerir v. 7, n. 18, mar./abr. 2001.

7 Dinheiro na escola: a gestão dos recursos financeiros.

Enfatiza os princípios e etapas orçamentárias envolvidas no processo de execução dos recursos da escola, legislação vigente, conceitos e elementos de receita e despesas, o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério - FUNDEF e desenvolvimento prático dos conteúdos abordados.

Módulo publicado no Gerir v. 7, n. 19, mai./jun. 2001.

8 Do sonho à realidade da escola: elaboração, desenvolvimento, avaliação e acompanhamento de projetos educacionais.

Aborda temas relativos ao processo de planejamento compartilhado: elementos constitutivos, identificação da realidade, estabelecimento de metas e objetivos; processo de acompanhamento, avaliação e implementação de projetos para a melhoria da qualidade da educação, elaboração do plano de ação e a sua execução.

9 Educação aqui, ali e acolá - ontem, hoje e amanhã.

Revisa o referencial teórico da educação a distância, sua interface com o ensino presencial e aplicação vinculada ao conceito de educação continuada; analisa sua relevância e aplicação no mundo contemporâneo, caracterizado por mudanças; discute pontos positivos, negativos e possibilidades de superação de programas governamentais para desenvolvimento profissional de gestores e professores, a utilização de multimeios na educação continuada presencial e a distância.

Módulo publicado no Gerir v. 7, n. 20, jul./ago. 2001.

10 Passar de ano ou de conteúdo? A avaliação do processo ensino-aprendizagem.

Aborda a (re)compreensão da avaliação como processo permanente de (re)pensar a prática da organização escolar, seus objetivos e funcionalidade e o processo ensino-aprendizagem.

Está sendo atualizado pela equipe PGP/LIDERE.

11 Vôo, e volto, criando...

Trabalha a arte, liberando e (re)construindo emoções, (re)unindo cognição e emoção na (re)construção do cidadão pleno.

Módulo publicado no Gerir v. 7, n. 17, jan./fev. 2001.

12 Educação para a Saúde.

Preservação da saúde, cuidados básicos com a saúde emocional, sexualidade e higiene.

Módulo publicado no Gerir v. 9, n. 31, mai./jun. 2003 (Parte I) e Gerir v. 9, n. 32, jul./ago. 2003 (Parte II).

13 Como transformar um grupo em uma equipe de sucesso.

Oportuniza reflexão sobre quais os instrumentos, e como utilizá-los a favor da construção de uma equipe de sucesso.

Módulo publicado no Gerir v. 8, n. 23, jan./fev. 2002.

14 Grêmios Estudantis.

Instrumentaliza a implantação/fortalecimento do grêmios em escolas públicas baianas, contribuindo assim para a formação do aluno crítico, criativo e participativo.

Módulo publicado no Gerir v. 8, n. 24, mar./abr. 2002.

15 Comunicação em educação e interpessoal.

Analisa a importância, os princípios, processos e desafios da comunicação no âmbito educacional.

16 Vivenciando a PAZ na escola.

Promove discussões sobre situações de violência que permeiam a escola, a família e a sociedade, provocando reflexões entre pais, alunos e educadores sobre as reais possibilidades da construção de uma cultura de paz.

Módulo publicado no Gerir v. 8, n. 28, set./out. 2002.

17 Planejamento Educacional.

Aborda aspectos históricos sobre o planejamento da educação no Brasil; apresenta situações e atividades concretas com vistas à vivência do processo participativo visando enriquecer, aprofundar e favorecer a construção do Planejamento Educacional.

Módulo publicado no Gerir v. 9, n. 34, nov./dez. 2003

18 Pedagogia de Projetos.

Enfatiza um estudo reflexivo sobre a Pedagogia de Projetos, orientando a equipe gestora das escolas públicas na construção do seu projeto de trabalho, tendo em vista a valorização da diversidade e singularidade apresentada por cada indivíduo, consolidando um espaço democrático que conduz à compreensão de um novo agir.

Módulo publicado no Gerir v. 9, n. 29, jan./fev. 2003

19 Instrumento de Coleta de dados - questionários e pesquisa.

Reúne vários instrumentos de coleta de dados utilizados pela equipe PGP/LIDERE, alunos da pós-graduação da FACED/UFBA e de outras Universidades Estaduais. A utilização destes instrumentos não se restringe apenas às atividades realizadas pelo PGP/LIDERE.

20 Educação Inclusiva.

Apresenta orientações e estratégias pedagógicas que facilitam o processo de inclusão de crianças com necessidades educacionais especiais no ensino regular, priorizando a valorização da criança cidadã e autônoma.

Módulo publicado no Gerir v. 10, n. 39, set./out. 2004.

21 Vivência Pedagógica Leitura para alunos.

Oportuniza a discussão e a análise sobre as dificuldades enfrentadas pelos alunos na interpretação e compreensão de textos, experimentando novas metodologias para facilitar a aprendizagem.

22 Avaliação.

Aborda temas relacionados à avaliação da aprendizagem escolar dentro de uma perspectiva construtivista, buscando a definição de um conceito de avaliação correlacionado com a prática do educador, visando o pleno desenvolvimento do educando.

23 Educação Ambiental.

Discute temas relacionados ao meio ambiente, destacando a importância da educação como instrumento para gestão participativa, e estimula o exercício pleno e consciente da cidadania, visando o surgimento de novos valores capazes de tornar a sociedade mais justa e sustentável.

Módulo publicado no Gerir v. 10, n. 36, mar./abr. 2004.

24 Prevenção ao uso de drogas.

Oferece informações sobre as drogas e a sua utilização, capacitando líderes das comunidades escolar e local para que possam atuar como multiplicadores na prevenção do uso de drogas entre crianças e adolescentes.

25 Artesanato.

Fundamentado na temática educação ambiental o módulo ressalta a importância do artesanato e da reutilização de materiais descartáveis no processo educacional. Propõe o desenvolvimento de valores para uma cidadania comprometida com a melhoria do nível participativo nas questões ambientais.

Módulo publicado no Gerir v. 10, n. 35, jan./fev. 2004.

26 Organização de Bibliotecas Escolares.

Visa compreender o processo de implementação de uma biblioteca escolar e dar orientações de como mantê-la ativa. Ao discorrer sobre este trabalho a equipe PGP/LIDERE enfatizar a importância da Biblioteca dentro de uma unidade de ensino. Ao mesmo tempo, conduz o leitor a saber sobre as técnicas e procedimentos adequados no desenvolvimento de organização da biblioteca escolar.

Comunicação e educação têm uma estreita relação, haja vista o ato de educar constituir-se num ato comunicativo (ALAVA, 2002). Destarte, o módulo a seguir aborda a importância da comunicação e suas implicações no contexto escolar.

Comunicação e Educação

Coordenação

Dr^a Katia Siqueira de Freitas
Coordenadora PGP/LIDERE. Ph.D. em Administração
Educativa. E-mail: katiassf@ufba.br

Equipe de Elaboração

Carmem Luciana Cardoso Santos. Bolsista Finep.
Estudante de Enfermagem, UCSAL.
E-mail: carmecms@hotmail.com

Maria Áurea Santos Ribeiro. Bolsista PGP/LIDERE.
Pedagoga, Faculdade Olga Metting.
E-mail: maria_aurea@terra.com.br

Regiane Lima Nascimento. Bolsista Finep. Estudante de
Filosofia, Faculdade Batista Brasileira.
E-mail: regylinda@hotmail.com

Revisão

Dr^a Katia Siqueira de Freitas

Jussara Xavier Pinheiro. Bolsista PGP/LIDERE.
Estudante de Especialização em Metodologia do Ensino
Superior. E-mail: jussiarax@hotmail.com

Regina Maria de Sousa Fernandes. Bolsista Finep.
Especialista em Metodologia do Ensino Superior e Dinâmica
Interpretativa, UFRS. E-mail: reginapretta@uol.com.br

Sumário

19	<i>Apresentação</i>
19	<i>Objetivo</i>
19	<i>Estrutura</i>
20	<i>Vivência Pedagógica I – Comunicação</i>
20	<i>Objetivo</i>
20	<i>Sensibilização</i>
22	<i>Exposição co-participada</i>
27	<i>Dinâmica “Ciranda da Comunicação”</i>
28	<i>Avaliação</i>
29	<i>Referências</i>
30	<i>Vivência Pedagógica II – A sala de aula e os meios de comunicação</i>
30	<i>Objetivo</i>
30	<i>Sensibilização</i>
32	<i>Exposição co-participada</i>
36	<i>Atividade prática</i>
36	<i>Avaliação</i>
37	<i>Referências</i>
38	<i>Referências gerais</i>

Apresentação

Ao respondermos bom dia, ao olhar para o outro, quando estamos trabalhando, estudando, ou até mesmo em casa vendo TV e em quase todas as ações de nossa vida estamos utilizando atos de comunicação. A comunicação confunde-se, assim, com a própria vida. Temos tanta consciência de que comunicamos como de que respiramos. (DÍAZ, 1982).

Quando o homem primitivo aprendeu a expressar suas necessidades, seus desejos, aprendeu a exteriorizar-se; estabeleceu um sistema de comunicação a partir do seu próprio corpo. Fez gestos que ganharam sentidos cada vez mais precisos, emitiu sons que se tornaram, pouco a pouco, códigos significativos.

Neste módulo, buscamos abordar a importância do processo comunicativo no contexto escolar, pois a comunicação só ocorre num contexto social e, como é sabido, toda práxis educativa é socialmente construída: é uma práxis

social. O ato de ensinar é um ato comunicativo. (ALAVA, 2002).

Atualmente, o mundo é determinado por diversas demandas culturais, educacionais e econômicas. Nesta perspectiva, a comunicação é o instrumento que nos permite interagir com o exterior.

A sala de aula é um ambiente interativo no qual o professor precisa observar a importância da eficácia do ato comunicativo para o sucesso do processo de ensinoaprendizagem.

Neste contexto, a comunicação e a educação têm uma estreita relação. Podemos citar, por exemplo, a necessidade de um bom processo comunicativo para elaborar uma Proposta Pedagógica, mediar discussões num Conselho ou Colegiado Escolar, dentre outras coisas.

Equipe de elaboração.



Objetivo

Discutir a importância da comunicação e seus aspectos no contexto escolar.

Estrutura

O módulo "Comunicação e Educação" foi organizado com o propósito de uma melhor compreensão e análise da temática abordada em textos de apoio para a fundamentação teórica e duas Vivências Pedagógicas. Recomendamos que as Vivências Pedagógicas sejam desenvolvidas de maneira seqüencial.

Na Vivência Pedagógica I - "Comunicação" discutiremos a teoria que envolve este tema e suas funções - tendo como pano de fundo a linguagem oral.

Na Vivência Pedagógica II - "Comunicação e Sala de Aula" abordaremos a aplicabilidade de alguns meios de comunicação nas unidades de ensino, bem como o conceito empregado na contemporaneidade: "Educomunicação".

Estas Vivências têm uma linguagem acessível e podem ser utilizadas pelos diversos atores da escola.

Vivência Pedagógica I :

Comunicação

Objetivo

Discutir o conceito de comunicação e suas funções.

Pauta

Abertura	10'
Sensibilização Texto: "Comunicar é compartilhar"	20'
Exposição co-participada	40'
Dinâmica "Ciranda da Comunicação"	35'
Avaliação	15'

Duração: aproximadamente 2h

Público alvo gestores, professores e colaboradores da unidade de ensino.

Número máximo de participantes: 30 pessoas.

Habilidades requeridas para os mediadores: compreensão teórica e prática da temática abordada.

Material utilizado

- cd instrumental;
- aparelho de som;
- texto "Comunicar é compartilhar" do Prof. José Manuel Moran;
- retroprojeto;
- transparências;
- giz/piloto;
- quadro.

Abertura

O mediador saudará os participantes e apresentará a pauta e o objetivo da Vivência Pedagógica.

Sensibilização: "Comunicar é compartilhar"

Objetivo refletir sobre a importância da comunicação no contexto educacional.

Tempo aproximado: 20'

Material necessário: CD instrumental, aparelho de som e cópias do texto.

Desenvolvimento: o mediador colocará uma música instrumental e dará início à leitura do texto. Sugerimos que a leitura seja feita pelo mediador, todavia não descartamos a possibilidade de que os participantes também o façam.

Após a leitura, o mediador pede aos participantes que comentem o seu ponto de vista no que se refere ao *compartilhar* no processo de comunicação.

*C*omunicar é compartilhar

José Manuel Moran

Na comunicação compartilho, troco, interajo - ajo em conjunto com - por meio das palavras, do olhar, dos gestos, explícitos e implícitos.

Essa ação minha provoca uma ação no outro, que se torna re-ação, ação de volta, que confirma ou neutraliza a minha ação anterior.

Se eu me sinto confirmado tenderei a ampliar a interação, a querer trocar níveis mais complexos de informação, de sentimento.

Se o interlocutor me confirma essa nova etapa, ampliando o seu campo de interação comigo, aumentarão progressivamente os níveis, a abrangência e a frequência da comunicação.

Se, pelo contrário, a cada proposta minha de interação, recebo uma resposta crítica, negativa, desqualificadora, procurarei diminuir a aproximação com ele, adotando uma atitude de defesa ou de fuga.

Muitas formas de comunicação se baseiam em trocas "comerciais", de intercâmbio de bens: eu ofereço algo a alguém em troca de algo que ele me dá (um serviço, por dinheiro). Há outras formas de comunicação em que a troca está mais ligada ao afeto, ao vínculo que se estabelece, ao prazer de estarmos juntos, à intimidade que se cria entre duas ou mais pessoas (relações de amizade).

O compartilhamento aumenta quando julgamos menos e nos aproximamos mais; quando vemos, em primeiro lugar, o que temos em comum, o que nos une, as perspectivas que nos complementam. O compartilhamento aumenta se, quando há discordâncias, não fazemos delas o eixo da nossa ação; se podemos discordar sem agredir, sem machucar, sem humilhar, sem alimentar ressentimentos.

Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/textos.htm>>. Acesso em 23/09/04.

Exposição co-participada

Objetivo compreender, preliminarmente, a teoria da comunicação.

Tempo aproximado: 40'

Material necessário: transparências, retroprojektor, giz/piloto e quadro.

Desenvolvimento o mediador explanará, de maneira interativa, a teoria da comunicação e suas relações com o processo de ensino-aprendizagem mediante apresentação das transparências.

Transparência 01

Vivência Pedagógica “Comunicação”

Objetivo:

Discutir o conceito de comunicação e suas funções.

Transparência 02

Comunicação

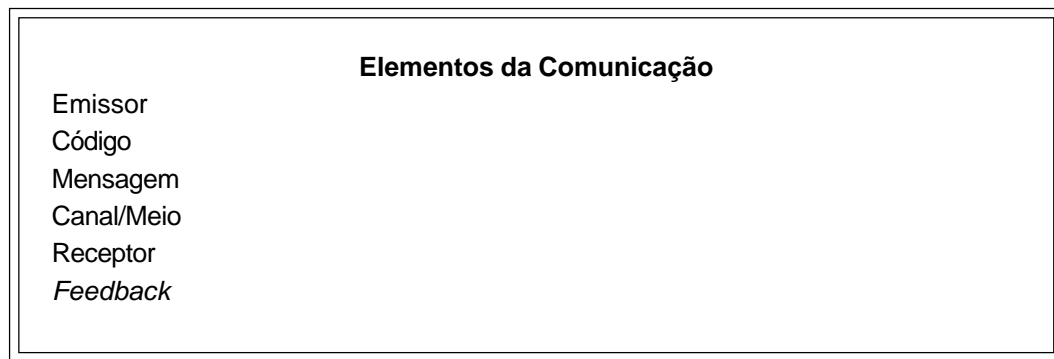
Ato ou efeito de emitir, transmitir e receber mensagens por meio de métodos e/ou processos convencionados, quer através da linguagem falada ou escrita, quer de outros sinais, signos ou símbolos, quer de aparelhamento técnico especializado, sonoro/visual. (AURÉLIO, 1986).

Transparência 03

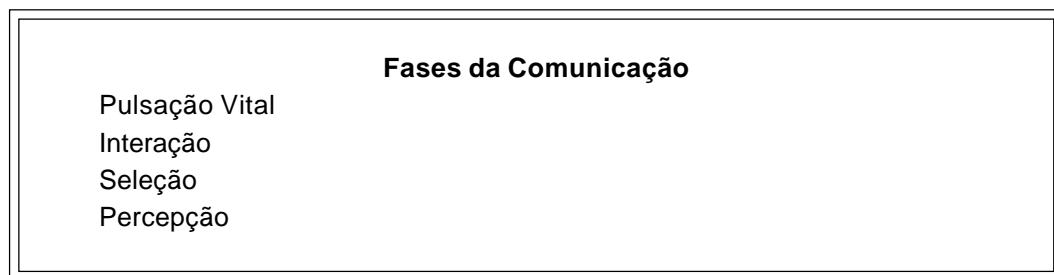
Comunicação

Permite que as pessoas se relacionem mutuamente transformando-se por meio da interação com a realidade que as rodeia.

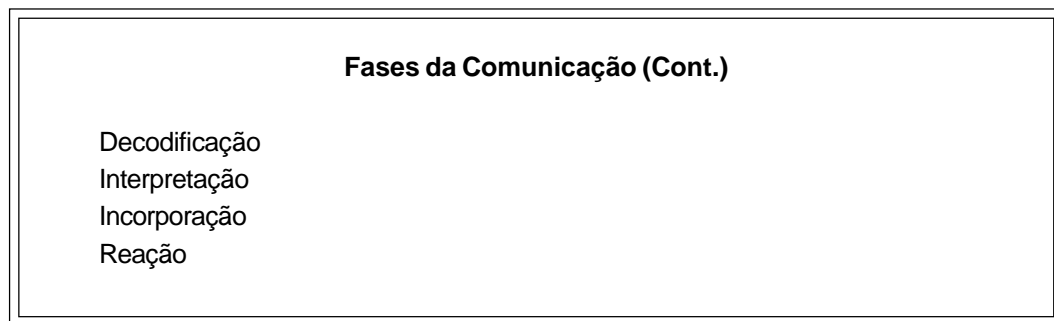
Transparência 04



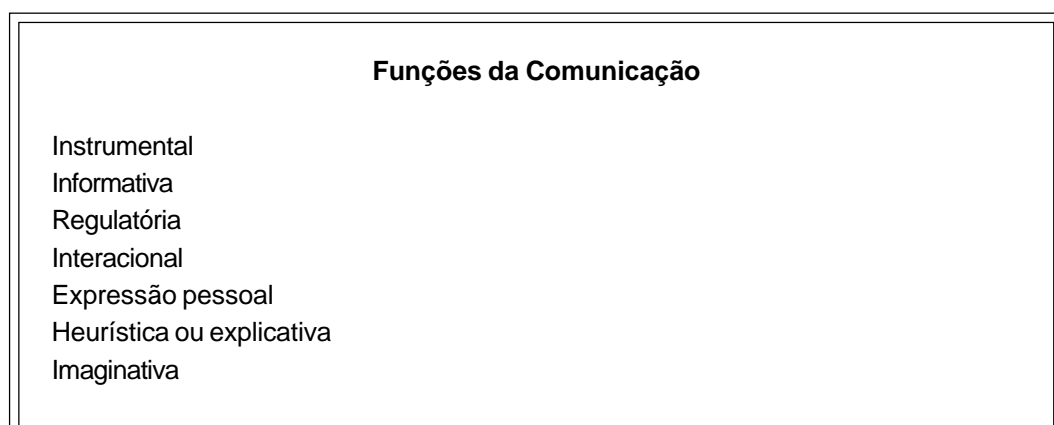
Transparência 05



Transparência 06



Transparência 07



Barreiras na Comunicação

Bloqueio
Filtragem
Ruído

Fundamentação Teórica

Introdução à Teoria da Comunicação

O processo comum de construção da cultura da humanidade, ao longo do tempo, perpassa as várias formas de como o homem se expressa na sua relação com o outro e com o mundo. Desta forma, o processo comunicativo tem a sua história intrinsecamente relacionada com a história da evolução da humanidade.

Desde os tempos primitivos, pela necessidade de sobreviver, o homem modificou e recriou a natureza, descobrindo e utilizando as variadas maneiras de se comunicar para garantir suas conquistas e descobertas; um exemplo deste fato é a necessidade do registro dos signos por meio da escrita permitindo, assim, com o passar dos anos, o desenvolvimento de diversas áreas do conhecimento.

A comunicação, para a humanidade, é um instrumento riquíssimo; está presente em cada ato da vida é fundamental na formação de cidadãos. Neste contexto, a comunicação busca primordialmente permitir que as pessoas se relacionem transformando-se por meio da interação com a realidade que as rodeia.

Toda comunicação tem por objetivo a transmissão de uma mensagem. Sendo assim, a comunicação pode ser entendida como um conjunto das formas de expressão de que se serve o ser humano.

A sociedade, expressa-se por meio da arte e da educação e estas se constituem campos básicos para o estudo da comunicação. Através da literatura e do teatro, das artes plásticas e da música, pode-se captar a visão de mundo de uma sociedade num determinado momento histórico.

Outro campo de estudo do processo comunicativo seria a construção do aprendizado. A educação é um processo amplo no qual são transmitidas inúmeras formas de conhecimento. A relação educador e educando é determinada por mensagens e informações voltadas para a formação do indivíduo, o seu comportamento e o desenvolvimento de suas habilidades. Nesta perspectiva, a comunicação e a educação, quer seja no sentido formal, de sala de aula, quer no sentido informal, é fundamental para a disseminação e discussão. Quando se

trata de aprendizado ficam implícitas as formas de comunicação, pois nelas encontramos processos que contêm uma mensagem na qual o emissor repassa a informação ao receptor.

Sistematizamos os elementos envolvidos no processo de comunicação, entretanto, é válido ressaltar que o processo é dinâmico e, no dia-a-dia, é muito raro refletirmos sobre tais elementos:

- **Emissor** - pessoa ou grupo de pessoas com o objetivo de se empenhar em comunicações.
- **Mensagem** - idéias, sentimentos e opiniões que o emissor transmite ou quer transmitir.
- **Código** - sinais convencionais; símbolos que servem para estruturar as mensagens. O mais utilizado por nós é a linguagem.
- **Canal/Meio** - suporte físico condutor da mensagem. Pode ser natural (ex: aparelho fonador) ou tecnológico (rádio, TV, imprensa).
- **Receptor** - pessoa ou grupo para quem dirigimos as mensagens.
- **"Feedback"** - reação do receptor à mensagem do emissor e que realimenta o processo da comunicação. Pode ser verbal ou não. Uma expressão facial, um gesto, um olhar podem dizer ao emissor qual o impacto causado por sua mensagem no receptor.

Nota-se claramente uma mudança no cenário comunicacional: o emissor não mais emite uma mensagem fechada, mas proporciona um leque de possibilidades ao receptor.

É praticamente impossível determinar onde começa e onde termina o processo da comunicação; não é possível enumerar suas fases como se fossem partes de uma sequência linear e ordenada. A comunicação, de fato, é um processo multifacetário que ocorre ao mesmo tempo em vários níveis: consciente, subconsciente e inconsciente, sendo integrante da dinâmica da vida. No entanto, podemos mencionar algumas fases que geralmente estão presentes no processo comunicativo, mas estas podem estar em qualquer ordem ou simultâneas.

- **A pulsação vital:** a dinâmica interna de qualquer pessoa está sempre pulsando, fervendo, vibrando, como um verdadeiro caldeirão no qual estão pensamentos, experiências, sentimentos, sensações, desejos, necessidades e emoções.
- **A interação:** o indivíduo necessita interagir com o ambiente e, para tanto, emite e recebe mensagens por todos os canais disponíveis: olhos, pele, mãos, língua e ouvidos.
- **A seleção:** consiste numa eleição dos elementos que se deseja compartilhar com os outros. Às vezes esta seleção é provocada por estímulos externos, outras vezes, a decisão é do próprio indivíduo.
- **A percepção:** os signos, símbolos e estímulos que vêm de fora; o indivíduo capta a realidade que o rodeia por meio dos sentidos: visão, olfato, tato e paladar.
- **A decodificação:** percebido os signos o indivíduo busca interpretá-los determinando o que cada um representa. No entanto, a interpretação desses signos é variável de indivíduo para indivíduo e configurada principalmente pela cultura que este possui.

● **A interpretação:** esta fase exige que se coloque a mensagem em um contexto que se compara com outros elementos do repertório e com o conhecimento que se tem das intenções do interlocutor.

● **Incorporação:** se a mensagem é interpretada de uma maneira tal que a pessoa não se considera ameaçada em seu sistema de idéias, valores e sentimentos, a mensagem é facilmente incorporada ao repertório ou acervo. A flexibilidade mental do receptor, sua mente aberta ou fechada, seu nível de tensão ou ansiedade,

sua segurança ou autoconfiança intervêm na aceitação ou rejeição da mensagem. Às vezes a incorporação é só parcial e uma parte da mensagem é rejeitada.

● **A reação:** os resultados da incorporação da mensagem na dinâmica mental própria do receptor podem ser claramente visíveis, como, por exemplo, quando a pessoa, considerando-se insultada pela mensagem e agride seu interlocutor. No entanto, às vezes, a transformação é puramente interna.

As funções da comunicação

A comunicação é um produto funcional da necessidade humana de expressão e relacionamento. Desta forma, satisfaz uma série de funções:

- **Instrumental:** satisfazer necessidades materiais ou de qualquer ordem dos indivíduos.
- **Informativa:** apresentar nova informação.
- **Regulatória:** persuadir, controlar.
- **Interacional:** promover a interação com outras pessoas.
- **Expressão pessoal:** expressar aspectos pessoais.
- **Heurística ou explicativa:** permitir e mediar a busca do conhecimento
- **Imaginativa:** criar um mundo de fantasia

Barreiras na Comunicação

Quando a comunicação entre as pessoas de um grupo não se estabelece ou quando esta comunicação não é efetiva, resultam alguns fenômenos psíquicos que são chamados de bloqueios, filtragem e ruídos, observados e estudados por pesquisadores de dinâmica de grupo.

Bloqueio - quando há uma interrupção completa da comunicação.

Exemplo: um aluno portador de necessidades especiais (PNEE) que se comunica por meio da Libras cujo professor não detém a habilidade da linguagem por sinais, impedindo completamente a transmissão de informações.

Filtragem - a comunicação subsiste, mas só se efetiva em parte, seletiva.

Exemplo: O professor avisa aos alunos que haverá uma atividade externa, mas só para os alunos que tiverem a autorização dos pais. No entanto, a maioria dos alunos veio para o passeio sem a autorização dos pais.

Ruído - É a existência de bloqueio, filtragem ou qualquer outro fenômeno que sirva de barreira à comunicação.

Quando os bloqueios e as filtrações tornam-se permanentes no grupo é como se muros e barreiras existissem entre elementos desse grupo.

Surgem a desconfiança, as resistências e mensagens cada vez mais ambíguas e inconsistentes, resultando em zonas de conflitos e tensões.

É imprescindível que os atores da escola, responsáveis pelo processo comunicativo, estejam atentos ao surgimento dessas barreiras e ruídos no cotidiano escolar. Entretanto é válido ressaltar que, em alguns momentos, essas mesmas barreiras, se bem utilizadas, podem proporcionar momentos de crescimento para todo o grupo.

Dinâmica: "Ciranda da Comunicação"

Objetivo: refletir sobre a comunicação eficaz.

Tempo aproximado: 35'

Material utilizado: lápis, papel.

Desenvolvimento o mediador

- Solicitará aos participantes que disponham suas cadeiras em círculo de costas para o seu centro.
- Distribuirá a cada participante lápis e papel ofício, pedindo que escrevam na parte superior da folha o seu nome.
- Pedirá que, ao sinal previamente combinado, façam um desenho que represente um determinado tema escolhido.
- Informará que a um novo comando todos receberão o desenho do colega para continuá-lo.
- A dinâmica procederá sucessivamente até que todos recebam de volta as suas respectivas folhas de papel.

Para concluir sugerimos que o mediador questione os participantes:

- O desenho criado inicialmente condiz com o apresentado no final da atividade?
- Houve comunicação entre você e o grupo? Por quê? Que conclusão pode-se obter com esta dinâmica?

Avaliação

Objetivo: avaliar a Vivência Pedagógica.

Tempo aproximado: 10'

Material necessário: fichas de avaliação e canetas.

Desenvolvimento: o mediador

- Explana a finalidade da avaliação;
- Distribui as fichas e solicitar o seu preenchimento.
- Recolhe-as.

Atividade:

Local:

Data:

Precisamos receber seus comentários e percepções para melhoria contínua do nosso trabalho.

ITENS	Excelente	Bom	Ruim	Não se aplica
Abertura				
Dinâmica-Sensibilização				
Trabalho em equipe				
Condições físicas do local				
Ministrante(s)				
Material didático				
Carga horária				
Tema				
Conteúdo				
Outros:				

Referências

ALAVA, Séraphin (Org.). **Ciberespaço e formações abertas: rumo a novas práticas educacionais**. Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: ARTMED, 2002, 224p.

ALCUME, Lenira (et al). **Introdução à Comunicação verbal e não-verbal**. Rio de Janeiro: SENAC/DN/DFP, 1996.

ALVAREZ, Denise, BARRACA, Renato. **Introdução à Comunicação e Artes**. Rio de Janeiro: Ed Senac Nacional, 1997.

BERLO, David K. **O processo da comunicação**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

DÍAZ , Juan E. **O que é comunicação**. São Paulo: Brasiliense, 1982. (Coleção primeiros passos)

MAILHOT, G.B. **Dinâmica e gênese dos grupos: atualidades das descobertas de Kurt Lewin**. São Paulo: Duas Cidades, 1985.

<<http://www.eca.usp.br/prof/moran/compart.htm>>. Acesso em 23/09/04.

Vivência Pedagógica II :

A sala de aula e os meios de comunicação

Objetivo

Analisar a aplicabilidade dos meios de comunicação na práxis pedagógica.

Pauta

Abertura	10'
Sensibilização	20'
Exposição co-participada	35'
Atividade prática	40'
Avaliação	15'
Duração	2h

Público-alvo: gestores, professores e colaboradores da unidade de ensino.

Número máximo de participantes: 30 pessoas.

Habilidades requeridas para os mediadores: compreensão teórica e prática da temática abordada.

Material utilizado

- aparelho de som;
- vídeo cassete/aparelho DVD;
- televisão;
- retroprojektor;
- transparências;
- giz/piloto;
- revistas;
- jornais;
- folderes;
- CDs
- quadro.

Abertura: O mediador saudará os participantes e apresentará a pauta e o objetivo da Vivência Pedagógica.

Sensibilização

Objetivo: refletir acerca do progresso tecnológico e a utilização dos meios de comunicação no fazer pedagógico.

Tempo aproximado 20'

Material necessário cópias dos trechos da entrevista "Uma pedagogia para os meios de comunicação" concedida pelo professor Guillermo Orozco Gómez .

Desenvolvimento: o mediador

- pedirá que os participantes leiam, individualmente, a entrevista e, a seguir, lerá o texto ou solicitará que algum participante o faça.
- solicitará que voluntários façam pronunciamentos acerca da temática abordada no texto.

Trechos da Entrevista "Uma pedagogia para os meios de comunicação"

Por Roseli Fígaro

Aprender a ensinar e ensinar para transformar, eis as preocupações de Guillermo Orozco Gómez ao tratar do campo comunicação/educação.

Não adianta a tecnologia reforçar o processo educativo tradicional. Isso não contribui. É preciso pensar na educação em primeiro lugar. Repensá-la a partir das situações dos próprios educandos e, a partir daí, pensar um novo desenho do processo educativo, ver o re-planejamento desse processo e verificar para que pode servir a tecnologia.

(...)

O professor não é a pessoa que chega na aula e diz: "Aqui está o livro, aqui está o vídeo, temos que memorizá-los, passar no exame, estão aqui para serem aprovados". Penso que um professor tem que ser, em primeiro lugar, provocador de experiências e de aprendizagem, para as quais podem ser muito úteis as novas tecnologias, a televisão em particular. Tenho procurado encontrar uma proposta para usar a televisão dentro de uma estratégia pedagógica de educação para os meios, tendo, no entanto, a televisão como preocupação central. Tem custado muito trabalho explicar aos professores que a televisão, com a estratégia de mercado deste momento, não é uma tecnologia educativa, não é um recurso didático que vai inserir imagens ao discurso do professor. Tento dizer-lhes que não podemos entender que

a televisão tenha somente a possibilidade de colher imagens em movimento, de agregar imagens em movimento ao discurso seco do professor. Este tipo de recurso não creio que seja interessante.

(...)

Estou propondo que, a partir da televisão, qualquer programa que se traga para a classe se discuta com os estudantes e explicitem suas interações com esses programas. E, a partir daí, os professores devem procurar saber como são os receptores, como eles usam a televisão e como se apropriam dela.

(...)

Os alunos têm que viver a experiência de descobrir por si mesmos o que está acontecendo, o que está sendo mostrado e como está sendo mostrado, e também o que está sendo omitido.

(...)

O caminho não é competir e sim fazer aliança estratégica: servir-se dos meios e dar conta de questioná-los sobre a aprendizagem que proporcionam às crianças e, para ser realmente relevante, fazê-lo de modo que todos os estudantes se formem de maneira mais completa, autônoma e crítica.

Disponível em <<http://www.cipo.org.br/escolacompartilhadas/tanamesa.htm>>. Acesso em 13/10/04.

Exposição co-participada

Objetivo: discutir a aplicabilidade dos meios de comunicação na práxis pedagógica.

Tempo aproximado: 40'

Desenvolvimento: o mediador, com o auxílio das transparências ou slides, discorrerá acerca da aplicabilidade dos meios de comunicação no processo de ensinoaprendizagem. Para tanto, é imprescindível a leitura da fundamentação teórica.

Transparência 01

Vivência Pedagógica “A sala de aula e os meios de comunicação”

Objetivo: Analisar a aplicabilidade dos meios de comunicação na práxis pedagógica.

Transparência 02

Comunicação e Crise de Paradigmas

“Os Prometeu(s) Modernos”
A sociedade da informação
Aulas: sistemas abertos

Transparência 03

Comunicação e Crise de Paradigmas (Cont.)

A metáfora do *kybernetés*
Pedagogia Nova?
Educomunicação

Transparência 04

Os meios de comunicação e a sala de aula

televisão
rádio
cinema
teatro

Transparência 05

Os meios de comunicação e sua aplicabilidade em sala de aula (Cont.)

livros
internet
"multimídia"

Transparência 06

Os meios de comunicação e a sala de aula

Como utilizar os meios de comunicação na práxis pedagógica?

A sala de aula e os meios de comunicação

"Como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como uma experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura reacionista. Nem tampouco jamais compreendi a prática educativa como uma experiência a que faltasse o rigor em que se gera a necessária disciplina intelectual" (FREIRE, 1996).

Nos dias atuais, em todas as esferas da atuação humana, observa-se crises de paradigmas. "Paradigma é toda constelação de crenças, valores, técnicas partilhadas pelos membros de uma comunidade determinada" (KUHN, 1992). No âmbito educacional, essa crise de paradigmas tem provocado discussões acaloradas acerca dos rumos futuros do processo de ensinoaprendizagem, haja vista o reflexo da "sociedade da informação" nos espaços educativos.

As unidades de ensino têm sido palco de muitos debates e os educadores têm, na maioria das vezes, se portado como verdadeiros "Prometeu(s) modernos", tentando "iluminar tudo a todo tempo. Atuar nesta "sociedade da informação", constitui-se numa tarefa complexa, observe-se o grande volume de informações disponíveis. Nesta perspectiva, manter-se sempre "atualizado" constitui-se um grande desafio para o educador.

Como sistemas abertos, as aulas têm como característica a "equifinalidade", ou seja, o desenrolar do processo educativo não está relacionado com as condições de início, mas a forma como é desenvolvido. Pode-se chegar a situações diferentes mesmo com inícios similares e vice-versa.

A metáfora do *kybernetés* ("piloto do barco", em grego) pode ser utilizada para clarificar nossa compreensão: o *kybernetés*, o condutor do barco, deve conduzi-lo ajustando-o ao movimento variável das ondas, procurando o caminho certo. A referida imagem denota o viés dinâmico e por que não dilemático das aulas e ainda os obstáculos enfrentados pelos educadores na tomada de decisões.

De acordo com Manuel Castells "é necessária uma pedagogia nova, baseada na interatividade, na personalização e no desenvolvimento de uma capacidade autônoma para aprender e para pensar". Mas, será que é necessário uma agitação frenética e para querer "iluminar" a tudo e a todos em nome de revoluções tecnológicas?

Tem-se a necessidade de aprender a lidar com educandos integrantes de uma sociedade em constante mudança. O mais coerente é o desenvolvimento de metodologias para o tratamento da informação e, por conseguinte, utilização consequente dos meios de comunicação na práxis educativa.

As mudanças estão ocorrendo e são inevitáveis. Cabe ao educador observar que o méto-

do a ser desenvolvido irá decorrer da experiência. Dessa forma, podemos vislumbrar o educador na figura de um viajante e o método como uma viagem; a viagem não é cíclica, mas espiral, e traz sempre algo novo "acarreta transfiguração" (MORIN,= CIURANA, MOTTA, 2003). O viajante passará noites ruins e se sentirá cansado, encontrará fechada a porta da cidade, ouvirá rugir as feras do deserto enquanto um vento gelado castigará seu corpo" (NIETZSCHE *apud* MORIN, CIURANA, MOTTA).

Sabe-se que a teoria não sana problemas, ela constitui-se uma possibilidade de tratá-los. Para que a teoria cumpra de fato o seu papel cognitivo, é fundamental a utilização da atividade mental do indivíduo, no caso, do educador. Metodologias sobre a aplicabilidade dos meios de comunicação em sala de aula são criadas e re-criadas, contudo, é o educador que irá dotar essa "teoria" de complexidade, por meio de uma recriação intelectual, uma resignificação, adaptando as indicações dadas à sua realidade. A comunicação em sala de aula [é] uma prática complexa, inserida em um tecido de contradições ou de dilemas, que não pode ser dominada de uma vez por todas (PERRENOUD, 2001).

Hodiernamente há a necessidade de que o educando se expresse em múltiplas linguagens, pois, como é sabido, a oralidade e a escrita não são as únicas formas possíveis de linguagens. Nem todas as unidades de ensino podem viabilizar o acesso dos educandos a essas múltiplas linguagens. A experiência com imagens, sons e movimentos se faz necessária para que possamos evitar o "apartheid digital", ou seja, a exclusão dos indivíduos por não disporem das habilidades e competências necessárias para lidar com o "mundo digital". Cinema, teatro, livros, rádio, televisão, jornais, revistas, internet, histórias em quadrinhos, "outdoors", fanzines (publicações baratas, fotocopiadas) são exemplos dos meios de comunicação que as pessoas estão em contato a todo instante. Por que não utilizá-los na práxis pedagógica ao invés de recursos que estão des-

colados da pauta concreta da vida?

É válido pontuar que a utilização de quaisquer meios de comunicação deve ser criticamente refletida pelo educador. A utilização dos meios de comunicação deve ser previamente planejada de acordo com os objetivos propostos, auxiliando no processo de construção do conhecimento. Não apenas isso, a utilização dos meios de comunicação em sala poderá proporcionar ao educando inserção social, na qual terá autonomia e consciência crítica para atuar nesta sociedade do conhecimento.

Educomunicação

Na indefinição conceitual que ainda existe nessa área (relação comunicação - educação) é comum encontrar grupos que denominam o fazer de "educação para a comunicação". Nos Estados Unidos surgiu nos últimos anos um termo que se aproxima muito dessa acepção: "media literacy", ou "alfabetização para a mídia". Nesse emaranhado, há aqueles que chamam-na de "educação pela e para a comunicação".

Para o professor Ismar de Oliveira Soares¹, é natural que essa confusão exista. Segundo ele, está surgindo um "novo campo discursivo", que reúne discursos de várias áreas já bem estabelecidas, como a própria educação e a comunicação.

O professor Soares cunhou, no Brasil, o termo "educomunicação" - esse "novo campo discursivo" em formação. Deste termo surgiu também o nome, ainda pouco consolidado, de um profissional para o século XXI: o "educomunicador".

Ao unir esses dois campos (educação e comunicação), os "educomunicadores" buscam, por

meio de um fazer, da criação de produtos de comunicação, favorecer processos de construção de conhecimento e de desenvolvimento de habilidades e competências.

A educomunicação é um conceito que reúne o objetivo de construção de cidadania mediado por uma relação entre a comunicação e a educação. A educomunicação não se constitui uma disciplina nem tema transversal; é toda ação comunicativa que acontece no espaço educativo, em vista do novo indivíduo, com uma nova concepção de espaço, tempo e ação.

A Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), em 2004, promoveu uma sessão especial para debater o tema "Processos Comunicacionais na EaD"; o conceito de educomunicação foi discutido pela primeira vez num congresso da ANPED.

No mesmo ano, a educomunicação foi destaque na Cúpula Mundial de Mídia para Crianças e Adolescentes (CMMCA) realizada na Escola Naval do Rio de Janeiro, que teve como tema "Mídia de todos, mídia para todos", o encontro contou com a participação de representantes de 40 países. A Cúpula é uma iniciativa da World Summit on Media for Children Foundation e foi iniciada em 1995 na Austrália. A CMMCA é considerada o maior fórum internacional sobre a qualidade da produção midiática para crianças e adolescentes.

Ao final do evento foi redigido um documento que apontou questões priorizadas pela educomunicação, especialmente ao fomentar que a expressão comunicativa é um dos direitos universais das crianças e jovens a ser defendido pela sociedade e pelos governos.

Textos adaptados para fins educativos.

¹Diretor do Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (NCE/ECA/USP).

Atividade prática

Objetivo: criar situações práticas de ensinoaprendizagem relacionando alguns conteúdos com a utilização de meios de comunicação.

Tempo aproximado: 40'

Material necessário: caixa de sapatos, fichas coloridas (5 cores diferentes), folhas de papel ofício, canetas, pincéis atômicos, fita VHS/DVD (filme a critério), jornais, revistas, aparelho de som, folderes, textos de peças teatrais, televisão, vídeo cassete/aparelho DVD, CDs diversos, panfletos e outros meios de comunicação que o mediador julgar pertinente.

Desenvolvimento o mediador

- distribuirá as fichas entre os participantes, formando assim cinco grupos com seis participantes;
- pedirá que um integrante de cada grupo sorteie, numa caixa, os nomes de um conteúdo e de um meio de comunicação;
- solicitará que os participantes de cada grupo crie um plano de aula com o conteúdo e o meio de comunicação sorteado.

É importante salientar que o mediador precisa estar sensível aos meios de comunicação (selecionados) e aos temas que serão apresentados para sorteio, pois a realidade das unidades de ensino e suas necessidades, modificam-se.

Após elaborar os planos de aula, os grupos poderão apresentar suas produções para todos os participantes.

O mediador poderá concluir a atividade, mencionando que o estudo de um determinado conteúdo através da utilização de um meio de comunicação deve ser realizado de forma criativa e coerente.

Avaliação

Objetivo: avaliar a Vivência Pedagógica realizada.

Tempo aproximado: 10'

Material necessário: fichas de avaliação e canetas.

Desenvolvimento o mediador

- mencionará a finalidade da avaliação
- distribuirá as fichas e solicitará o seu preenchimento
- recolherá as fichas.

Atividade:

Local:

Data:

Precisamos receber seus comentários e percepções para melhoria contínua do nosso trabalho.

ITENS	Excelente	Bom	Ruim	Não se aplica
Abertura				
Dinâmica-Sensibilização				
Trabalho em equipe				
Condições físicas do local				
Ministrante(s)				
Material didático				
Carga horária				
Tema				
Conteúdo				
Outros:				

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

MORIN, Edgar; CIURANA, Emilio Roger; MOTTA, Raúl Domingo. **Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e incerteza humana**. Brasília: Cortez/UNESCO, 2003.

MORIN, Edgar. Epistemologia da Complexidade. In: SCHNITMAN, Dora F. **Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

ZABALZA, Miguel. O ensino como um contexto de "incerteza". **Pátio - revista pedagógica**. Porto Alegre, ano 7, n.23, agosto/outubro 2003.

<<http://www.cipo.org.br/escolacom sabor/tanamesa.htm>>. Acesso em 13/10/04.

<<http://www.portalsalesianas.com.br/educom.htm>>. Acesso em 20/12/04.

< <http://www.educomradio.com.br/> >. Acesso em 20/12/04.

<http://www.comunicacao.pro.br/setepontos/13/cmmca_educom.htm>. Acesso em 20/12/04.

<<http://www.anped.org.br/trabalhos.rtf>>. Acesso em 20/12/04.

<http://www.escola2000.org.br/pesquisa/textos/textos_art>. Acesso em 21/12/04.

<<http://www.riosummit2004.com.br/>>. Acesso em 21/12/04.

Referências Gerais do Módulo

ALAVA, Séraphin (Org.). **Ciberespaço e formações abertas:** rumo a novas práticas educacionais. Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: ARTMED, 2002, 224p.

ALCUME, Lenira (*et al*). **Introdução à Comunicação verbal e não-verbal.** Rio de Janeiro: SENAC/DN/DFP, 1996.

ALVAREZ, Denise, BARRACA, Renato. **Introdução à Comunicação e Artes.** Rio de Janeiro: Senac Nacional, 1997.

BERLO, David K. **O processo da comunicação.** São Paulo: Martins fontes, 1991.

DÍAZ, Juan E. **O que é comunicação.** São Paulo: Brasiliense, 1982. (Coleção primeiros passos)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

MAILHOT, G.B. **Dinâmica e gênese dos grupos:** atualidades das descobertas de Kurt Lewin. São Paulo: Duas Cidades, 1985.

MORIN, Edgar. **Epistemologia da Complexidade.** In: SCHNITMAN, Dora F. **Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

MORIN, Edgar; CIURANA, Emilio Roger; MOTTA, Raúl Domingo. **Educar na era planetária:** o pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e incerteza humana. Brasília, DF: Cortez/UNESCO, 2003.

ZABALZA, Miguel. O ensino como um contexto de "incerteza". **Pátio - revista pedagógica,** Porto Alegre, ano 7, n.23, agosto/outubro 2003.

Site da Associação Nacional de Pós -Graduação Pesquisa da Educação (<http://www.anped.org.br/trabalhos.rtf>>. Acesso em 20/12/04.)

Site da ONG baiana que trabalha em escolas públicas com educação e comunicação. (<http://www.cipo.org.br/escolacom sabor/tanamesa.htm>>. Acesso em 13/10/04.)

Site de Profº Adilson Cabral abordando o tema sete pontos para transformar a sociedade do conhecimento (http://www.comunicacao.pro.br/setepontos/13/cmmca_educom.htm>. Acesso em 20/12/04)

No site podemos encontrar os principais textos do professor José Manuel Moran. Doutor em Ciências da Comunicação/USP. (<http://www.eca.usp.br/prof/moran/textos.htm>>. Acesso em 23/09/04.)

Site do Núcleo de Comunicação e Educação/USP. (<http://www.educomradio.br/cafe>>. Acesso em 20/12/04.)

Site do Programa do Instituto Aryton Senna que trabalha com tecnologias em escolas públicas (http://www.escola2000.org.br/pesquisa/textos/textos_art>. Acesso em 21/12/04.)

Site da rede de escolas salesianas que versa sobre diversos temas relacionados com educação. (<http://www.portalsalesianas.com.br/educom.htm>>. Acesso em 20/12/04.)

Site da Prefeitura do Rio de Janeiro portal sobre educação (<http://www.riosummit2004.com.br/>>. Acesso em 21/12/04.)

MEDEIROS, Luciene, ROSA, Solange. **Supervisão Educacional**: possibilidades e limites. São Paulo: Cortez, 1987.

A obra está organizada em três capítulos. No primeiro, as autoras têm como objeto de estudo o fenômeno educativo no contexto das relações capitalistas, explicitadas através do antagonismo de classes. Na sociedade de classes a divisão social do trabalho é a contradição que movimenta o processo a relação trabalho x capital. Ainda neste capítulo, as autoras resgatam as origens históricas da supervisão educacional a qual decorre da administração empresarial com o objetivo de racionalizar o trabalho e aumentar a produtividade, e seu processo de evolução no contexto educacional e político brasileiro. No primeiro, destaca-se a supervisão como função de inspeção, e no

segundo momento destaca-se a função da supervisão, isto é, de garantir o que foi planejado. As autoras afirmam a contradição no desempenho da função do supervisor, quando na estrutura burocrática, a supervisão se situa na linha de execução, ou seja, dos que recebem ordens. No Brasil, a supervisão escolar é fruto de uma política de alianças entre o Brasil e os Estados Unidos e se inicia através dos cursos promovidos pelo Programa Americano Brasileiro de Assistência ao Ensino Elementar (PABAE). Foi implantada de modo a atender as novas exigências político-pedagógicas, preconizando a racionalização, eficiência e produtividade.



No segundo capítulo, as autoras contemplam a abordagem da prática da supervisão educacional através dos Encontros Nacionais de Supervisores de Educação (ENSEs). O I ENSE foi realizado no período de 16 a 21 de outubro de 1978, em Porto Alegre/RS e teve como tema central “A supervisão no sistema educacional brasileiro”. As discussões foram voltadas especificamente para a supervisão como categoria profissional, evidenciando o caráter corporativista da organização da categoria dos supervisores. O II ENSE aconteceu em Curitiba, de 16 a 21 de outubro de 1979, tendo como tema central “A função supervisora no contexto brasileiro”. As discussões fomentadas nesse encontro refletiram a preocupação da dimensão política e pedagógica da educação, contribuindo para a definição de uma nova concepção de educação e educador. O terceiro Encontro teve como temática central “O supervisor – um educador”, foi realizado em Goiânia de 20 a 25 de outubro de 1980, dando prosseguimento às discussões iniciadas no encontro anterior. Este Encontro veio a fomentar uma nova concepção de educador, estimulando o educador – supervisor a assumir uma práxis educativa comprometida com a transformação da sociedade brasileira. O IV ENSE teve como tema central “A supervisão e a práxis educativa”, quando se buscou as saídas para a supervisão e educação brasileiras, através do atuar – pensar coletivo, tendo sido realizado em Fortaleza, no período de 10 a 15 de outubro de 1981. “O supervisor no projeto pedagógico dos educadores e educandos” foi o tema central do V Encontro sediado no Rio de Janeiro, no período de 10 a 15 de outubro de 1982, o qual trouxe no lugar comum uma preocupação com o envolvimento do supervisor

com o projeto pedagógico da escola, a democratização da sociedade e redefinição do papel da escola e do educador. As autoras afirmam que o encontro também apontou o início da possibilidade da prática política coletiva dos supervisores, considerando esta a condição necessária à retomada das questões da regulamentação da profissão e da formação dos supervisores. “Repensando a supervisão educacional para uma ação educativo – democrática” foi o tema central do VI ENSE realizado em Belém, de 29 de outubro a 03 de novembro de 1983. Foram propostas alternativas que orientassem a prática do supervisor numa perspectiva de ação democrática. Na análise das autoras, nesse encontro, constatou-se a possível tomada de consciência sobre a relação entre educação e sociedade e o compromisso político do supervisor. O VII Encontro que teve como tema central “A supervisão educacional no contexto da política educacional brasileira a partir da prática real da ação supervisora”, foi realizado em Belo Horizonte de 30 de setembro a 05 de outubro de 1984. Evidenciou-se o caráter dialético da supervisão, permitindo que fossem buscadas posições superadoras das contradições. Afirmam que o VII ENSE representou um avanço por ter possibilitado o prenúncio da prática política coletiva dos

supervisores. As autoras concluem o capítulo apresentando um quadro resumo dos sete encontros.

No terceiro e último capítulo, as autoras apresentam uma síntese da trajetória da supervisão educacional brasileira, tecendo alguns comentários, tais como: o avanço do movimento da supervisão educacional brasileira e o fortalecimento não apenas da categoria dos supervisores, mas dos educadores em geral e da educação brasileira. Também apontam algumas contradições, quer na prática efetiva dos ENSEs, que não retomando às contribuições dos encontros anteriores impossibilitou o processo de sistematização, divulgação e prática de tais contribuições e decisões na postura, quer na prática do supervisor como ser-indivíduo-profissional e ser-coletivo.

A análise do texto nos remete a uma reflexão da necessidade de ressignificar o papel da educação como instrumento de socialização do saber que permita a formação humana em sua ampla dimensão (omnilateralidade) e de o supervisor assumir um compromisso político de superação do *status quo* vigente.

Muitas reflexões são fomentadas constituindo-se apenas o início de um debate que deve estar presente no cenário educacional, envolvendo todos os segmentos institucionais ligados, diretos ou indiretamente à educação brasileira.

Enfim, é uma verdadeira viagem na história da educação do Brasil tendo como roteiro subjacente o cenário sócio-político-ideológico, as reformas educacionais e a regulamentação profissional.

SOARES, Leôncio. **Educação de Jovens e Adultos: diretrizes curriculares nacionais.** São Paulo: DP&A, 2002.

Leôncio Soares é professor do Programa de Pós-Graduação da FAE/UFMG, onde também é coordenador do Núcleo de Educação de Jovens e Adultos. Nesta obra, ele efetua um mapeamento do Parecer 11/2000 (aprovado pela Câmara de Educação Básica em 10/05/2000), que regulamenta as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação de Jovens e Adultos (DCN/EJA). Traz, também, a resolução 1/2000, que estabelece tais diretrizes, além dos relatórios-síntese dos Encontros

Nacionais de EJA do Rio de Janeiro e da Paraíba.

No 1º plano, a Constituição Federal de 1998, reconhecendo a importância da educação escolar para além do Ensino Fundamental, consigna a progressiva universalização do Ensino Médio (CF art. 208, II). Em seguida, a lei 9.394/96 afirma progressiva extensão da obrigatoriedade e gratuidade do mesmo.

A Lei de Diretrizes e Bases (LDB) para a Educação Brasileira assinala ser incumbência da União estabelecer, em colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os municípios, competências e diretrizes de educação Infantil, os ensinos Fundamental e Médio, que nortearão os currículos e os seus conteúdos mínimos, de modo a assegurar formação básica comum (art. 9º, IV).

No segundo momento, a lei 9.131/95, que cria a Constituição Nacional de Educação (CNE), estabelece que cabe à Câmara de Educação desse colegiado deliberar sobre as diretrizes curriculares, a partir de propostas oferecidas pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC). Assim, os currículos e seus conteúdos propostos pelo MEC serão estabelecidos mediante diretrizes, que terão como foro de decisão a Câmara de Educação Básica.

Nesse contexto, essa Câmara, no período 1997-2000, desenvolveu estudos e promoveu audiências públicas que resultaram na definição de diretrizes curriculares nacionais para a Educação Básica. O que, na verdade, são tais diretrizes? Qual sua relevância?

nortearão as escolas brasileiras dos sistemas de ensino, na organização, na articulação, no desenvolvimento e na avaliação de suas propostas pedagógicas.

Elas consistem em um conjunto de definições doutrinárias sobre princípios, fundamentos e procedimentos na Educação Básica, expressas pela Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação (CEB/CNE), que

Ao definirem suas propostas pedagógicas e seus regimentos, as escolas estarão compartilhando princípios de responsabilidade, num contexto de efetiva flexibilidade teórico/metodológica de ações educacionais, em que o planejamento, o desenvolvimento e a avaliação dos processos pedagógicos expressem sua

qualidade e respeito à igualdade de direitos e deveres de alunos e professores. Diz o artigo 208 da Carta Magna, no inciso I, que é dever do estado garantir o “ensino fundamental obrigatório e gratuito, assegurada, inclusive, sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiverem acesso na idade própria”. Contudo, vive-se hoje um momento de revitalização de propostas e projetos na área de EJA, com a participação de movimentos sociais, organizações não-governamentais e universidades.

Com a lei de diretrizes e bases nº 9.394/96, a temática da educação de jovens e adultos é discutida de forma parcial e sob a ótica da reforma do Estado que prioriza a educação fundamental das crianças em detrimento de outros grupos/níveis sociais, revelando intenções contraditórias que permearam as negociações e interesses variados presentes em sua elaboração. Em seu texto, a lei retira a obrigatoriedade de oferta dessa modalidade de ensino por parte do estado e deixa de

contemplar o que é fundamental em programas direcionados à categoria: um posicionamento ativo por parte do Estado no sentido de criar condições de permanência de um grupo social que tem de redobrar seus esforços para freqüentar qualquer programa de educação.

Ao passo que as políticas educacionais reduzem o papel dos organismos governamentais na provisão de oportunidades de formação de jovens e adultos, cresce a relevância das iniciativas da sociedade civil, estabelecendo-se uma rede de parcerias, envolvendo universidades, movimentos sociais, sindicatos de trabalhadores, ONG's, fundações privadas e organismos empresariais.

Os relatórios-síntese trazem em seu bojo discussões relacionadas à problemática do analfabetismo dessas categorias, na busca de estratégias viáveis de superação, em que a articulação de esforços tanto da sociedade quanto do estado foi uma das principais vias apontadas como solução.

Palestra Grêmios Estudantis nas Escolas

No dia 17 de novembro de 2004 a professora Vera Maria Barbosa, coordenadora do setor de apoio aos Grêmios Estudantis do Município de Salvador, entrou em contato com a vice-coordenadora do Programa Gestão Participativa com Liderança em Educação (PGP/LIDERE), professora Mara Schwingel, solicitando uma pessoa para palestrar sobre a função dos Grêmios Estudantis nas escolas. Como já trabalho com o tema, me dispus a participar do evento, dando a palestra solicitada; esta aconteceria no dia 30 de novembro de 2004, das 14h às 17h no auditório da Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SMEC), localizada no Bairro do Engenho Velho de Brotas. Durante a realização do I Encontro dos Grêmios Estudantis das Escolas da Rede Municipal de Ensino. O público-alvo do encontro seria representantes dos Grêmios Estudantis, professores e gestores das respectivas escolas.

Após fazer contato com a organizadora do encontro, professora Vera Maria Barbosa, e de efetuar todos os preparativos para o evento, me dirigi para a SMEC; devido a problemas com o transporte dos alunos, dei início aos trabalhos às 14:50, quando já haviam chegado alguns representantes dos Grêmios Estudantis no local. Iniciei me apresentando e apresentando o PGP/LIDERE, e posteriormente comecei a fazer um apanhado histórico sobre os movimentos estudantis no Brasil, partindo da década de 60 do século passado. Falamos dos movimentos organizados pela União Nacional dos Estudantes (UNE), o golpe militar de 64, a repressão imposta por tal golpe, toda luta estudantil e sua forte participação no movimento das diretas que teve seu ápice em 1984.

No decorrer da palestra começamos a conversar sobre a relação de poder existente entre o Grêmios Estudantis e a equipe gestora da escola, discutimos a necessidade do diálogo entre os segmentos e a importância do respeito mútuo dentro da escola. Neste momento, alguns alunos representantes de grêmios começaram a relatar problemas existentes entre o grêmios e a direção da escola, falaram sobre intolerância, falta de comunicação, rigidez nas decisões e outros fatores que acabavam dificultando o desenvolvimento do grêmios, em contra partida outros representantes presentes falaram muito bem de seus(as) gestores(as) e do apoio que recebem no desenvolvimento de suas atividades. Então perguntei aos participantes que manifestaram alguns problemas quais as atitudes que eles, como grêmios, tomaram para melhorar o convívio com a equipe gestora da escola e percebemos que na verdade nada foi feito para apagar as farras deste relacionamento, então questionei qual o papel do grêmios nesta escola senão lutar, para melhorar a convivência entre os dois grupos, e se não seria mais fácil persistir com a direção da escola na realização de uma reunião entre grêmios e equipe gestora para discutirem porquê desta “desunião” e como este mal-entendido poderia ser sanado, porque na verdade a antipatia entre o grêmios e a equipe gestora sem um motivo real é um equívoco. Discutir por discutir ou dificultar atividades ou programações para desestabilizar um ambiente ou equipe é um erro, já que tanto o grêmios quanto a direção querem a melhoria da escola por que não trabalhar juntos?

O respeito mútuo é a chave para que qualquer atividade em equipe dê certo, é claro que o grêmio é uma entidade autônoma dentro da escola, mas mesmo com toda sua autonomia ele tem que respeitar as normas e o regimento escolar assim como a equipe gestora tem que respeitar sua participação nas decisões a serem tomadas. Este sem dúvida é o passo principal para que o Grêmio se legitime como um agente auxiliador e facilitador da gestão participativa dentro dos estabelecimentos de ensino.

Após discutirmos sobre como poderíamos melhorar a interação entre grêmio e equipe gestora, comecei a falar sobre alguns fatores que levam a equipe gestora a dificultar a implantação do Grêmio Estudantil dentro das escolas. Entre eles, destacam-se a desconfiança por parte dos gestores sobre qual a verdadeira intenção do grêmio na escola. Esta desconfiança foi gerada porque após o regime militar os movimentos estudantis passaram a ter uma forte influência político-partidária o que causa desconforto entre as equipes gestoras. Outro fator é o desconhecimento: durante muito tempo os movimentos estudantis foram extintos na escola, principalmente, no regime militar e em alguns anos após seu fim. O medo do novo pode criar barreiras dentro da escola. O que é o grêmio? Quais suas linhas de atuação? Como ele pode auxiliar a implantação da gestão participativa na escola?

São questões que só começaram a ser discutidas há pouco tempo, e muitas escolas ainda não têm abertura para discutir tal fato. Dentre todos os fatores que dificultam a implantação do grêmio, o medo dos gestores em perder sua autoridade é o maior. Porque nele está embutido o medo do desconhecido e da influência político-partidária entre os alunos, tornando difícil iniciar a implantação do Grêmio em suas escolas.

Nota-se que na verdade, o que impede a formação e o funcionamento dos Grêmios Estudantis na escola é a falta de informação sobre o assunto. Neste sentido a Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SMEC) do Município de Salvador está dando um grande passo para sanar este problema. Só promovendo eventos como este é que podemos diminuir as dúvidas das pessoas em relação ao assunto. Todas as discussões ocorridas durante o evento, a interrupção dos alunos e dos outros participantes foi de suma importância para o sucesso da palestra.

Faz-se necessário que outros encontros sejam promovidos para dar continuidade ao processo de divulgação e implantação dos Grêmios Estudantis. Através deste apoio da SMEC com certeza conseguiremos ter uma escola cada vez mais democrática e participativa.

Vivenciando a Paz na Escola Colina do Mar

*“Se você olha pra mim, se me dá atenção eu me derreto suave neve no vulcão/
Se você toca em mim alaúde, emoção eu me desmancho suave nuvem no avião.”*

São esses versos da canção Templo de Chico César que bem nos retratam a contemplação no momento da chegada dos participantes ao local onde aconteceria a reunião. Aquela sala, tão conhecida deles, passagem obrigatória no leva-e-busca diário das suas crianças, surgiu, para estranhamento de pai, mãe, irmãos de alunos, amigos da escola e moradores da comunidade local, naquela manhã, com vestes: cadeiras, mesas, flores, aparelho de som, microfone, ventiladores. E era tudo para recebê-los. Nas fisionomias de todos se notava alegria. Como é importante se ser querido, se ser olhado, se ser tocado... Era o que pareciam dizer, era o que pareciam sentir. É urgente que a escola volte mais a atenção para a comunidade. Ela ainda não se sente parte do processo ensino x aprendizagem. É por acreditar nessa integração que o PGP/LIDERE atua nas Escolas Parceiras, buscando, também, cumplicidade entre gestor, professores, alunos, funcionários.

Curiosidade, observação, estranheza em torno das coisas e das pessoas abrandavam os momentos de espera da atividade. A Sonata ao Luar de Beethoven, vinda de um ponto qualquer da sala anunciou a chegada de Dr.^a Jerusa Santana. Iniciou-se mais uma jornada de trabalho do PGP/LIDERE com a comunidade que circunda a Escola Municipal Colina do Mar.

As pessoas ouvem o que está sendo dito e identificam naquelas palavras o seu cotidiano. Começam a interagir não só com a palestrante, mas também entre si. Há expressos anseios, vontade de acreditar que ali, naquela escola as suas presenças estariam testemunhando uma prática que pode levar os indivíduos a se situarem no mundo e saber o que lhes cabe: a busca para tornarem-se verdadeiros cidadãos.

Dr.^a Jerusa Santana, usando a música como recurso inicial para o desenvolvimento das atividades, envolvia os participantes nas suas falas à proporção que ia ilustrando casos de comportamento, de atitude próprios de comunidades; houve a palavra interrogada, o querer saber, o olhar arregalado para o que chegava de surpresa. E a cada indagação suscitavam-se considerações feitas por eles próprios e o justo arremate da palestrante. No final, da moderadora para a comunidade não partiu apenas o “obrigada pela atenção dispensada” mas também “obrigada pela participação”

Para socializar o que havia sido ouvido e discutido durante a palestra, distribuíram-se pincéis, telas e tintas para que as pessoas, agora, reunidas em grupos, pintassem as suas alegrias e tristezas. As produções foram instaladas na sala onde se desenvolveram as atividades. Espontaneamente, os comentários da atividade foram acompanhados de números musicais produzidos pelos participantes.

A palestrante, a equipe gestora, os representantes do PGP/LIDERE fizeram votos para que a comunidade local partisse para a vida do dia-a-dia, consciente de possuírem, naturalmente, nas mãos, ferramentas cuja acertada manipulação ajudará a escola a exercer o seu papel, que é decisivo na vida individual das pessoas e na vida coletiva da comunidade onde está inserida.

Transformar a escola num ambiente mais humanizado, mais próximo à realidade do aluno, conduz à afetividade necessária e saudável. É importante para a comunidade participar, conhecer para acreditar e confiar na escola.

Voltemos a Chico César: “ Se você olha pra mim, se me dá atenção eu me derreto suave neve no vulcão.”

Vivência Pedagógica Gestão humana

A escola é formada por recursos materiais e humanos. O recurso humano é de fundamental importância para o desenvolvimento, progresso e sucesso do processo educativo e estrutural do ambiente escolar. Deste modo, o diretor administra recursos materiais e humanos.

Para gerir o ambiente escolar o diretor precisa estar atento às diferenças individuais e ter consciência de que as pessoas, segundo Daniel Goleman em seu livro *Inteligência Emocional*, são fortemente influenciadas pelos impulsos emocionais. Para socializar e chamar atenção, das Escolas Parceiras quanto a esta questão, o Programa Gestão Participativa com Liderança em Educação (PGP/LIDERE) promoveu, no dia 17 de setembro de 2004 das 14h30 às 18h, na Escola Municipal Santa Terezinha a Vivência Pedagógica Gestão Humana, ministrada pelos professores Fábio Kalil de Souza e Marli Raquel Dias Souza.

A Vivência Pedagógica objetivou refletir a importância da Gestão Humana para o sucesso do processo educativo. O público-alvo era composto pela equipe gestora das escolas parceiras – Agripiniano de Barros, Mirantes de Periperi e Santa Terezinha – representantes das Coordenadorias Regionais de Ensino (CREs) – do subúrbio e alunos da Escola Municipal Santa Terezinha. A abertura da vivência foi realizada por Marli Raquel que apresentou os integrantes da equipe PGP/LIDERE, agradecendo antecipadamente a presença de todas as pessoas. Esclareceu o objetivo da vivência e leu o texto “O poder da validação” escrito por Stephen Kanitz, atentando para importância de validarmos as pessoas com um sorriso, um bom-dia, um obrigado nos diversos ambientes em que atuar.

Diversas atividades foram realizadas. Mas, à exposição co-participada e a dinâmica “dar e receber” merecem destaque. Na exposição co-participada, os participantes coletivamente montaram uma flor contendo fatores essenciais à “Gestão Humana” e comentaram. Em seguida os

mediadores, Fábio Kalil de Souza e Marli Raquel Souza, realizaram a fundamentação teórica e expuseram o conceito de gestão humana.

Gestão Humana é um conjunto de ações, processos e intermediações organizados de modo a atingir os objetivos de uma organização, considerando as competências, habilidades, anseios e motivações dos envolvidos.

Após esta exposição os participantes se reuniram em grupo de acordo com suas escolas e elaboraram uma mensagem. Foi um momento rico de troca e produção do que seria a gestão humana no ambiente escolar. Na dinâmica, todos os presentes ficaram de pé, fizessem uma corrente, receberam e ganharam palavras de encorajamento, carinho e afeto, uns dos outros.

O conteúdo abordado foi significativo para os participantes que a todo o momento faziam observações quanto à importância de se estudar o tema “Gestão Humana” para se obter uma boa convivência com as pessoas nos diversos contextos sociais. “Encontros como este deveriam acontecer sempre, para que pudéssemos aprender e trocar conhecimentos e experiências” comentou a professora Alícia da Escola Mirante de Periperi demonstrando-se satisfeita com a vivência pedagógica. “Estamos aqui para aprender com vocês que possui (sic) muito conhecimento”, afirmou o aluno Arnaldo, deslumbrado.

Foram distribuídos aos participantes apostilas contendo informações sobre a “Gestão Humana” e uma vasta bibliografia, dando oportunidade aos professores, gestores, alunos etc., aprofundarem-se no tema trabalhado na Vivência Pedagógica. O resultado foi satisfatório, porque todos refletiram, registraram e concluíram, que a “Gestão Humana” deve ser permeada por respeito, responsabilidade, confiança, amor, compreensão. Todos os participantes ficaram cientes de que todos (pais, alunos, professores e funcionários) são responsáveis pelo sucesso ou fracasso da escola.

Encontro para a construção do Plano de Desenvolvimento da Escola (PDE)

É notório que o modelo gestão democrática pressupõe a participação ativa dos envolvidos em processos decisórios e operacionais. Fundamentada nessa concepção, a equipe PGP/LIDERE realizou no dia 14 de setembro de 2004, na Escola Municipal Aristides Novis, um encontro com a comunidade escolar para um trabalho coletivo. O objetivo foi discutir a estrutura, as etapas de construção e implementação do PDE.

A equipe de assessoria esclareceu elementos conceituais e características do referido plano, promovendo uma atmosfera motivadora à expressão de idéias, questionamentos, comentários, enfim, um clima de segurança psicológica que permitiu a construção coletiva do conhecimento.

Certamente esse encontro foi o início de um longo processo, o qual terá continuidade no ano letivo de 2005, impulsionado pela sólida relação de parceria entre o Programa e a Escola, bem como pela demanda da unidade. Por essas razões acreditamos no bom êxito desse trabalho.

.....

Vivência Pedagógica Relações Interpessoais (SMEC)

A gestão democrática não pode ser concebida sem antes se considerar a importância das relações humanas no desenvolvimento dessa gestão. Consciente desse fato, o PGP/LIDERE promoveu uma Vivência Pedagógica que tratou de nuances dessas relações na escola.

Realizado no dia 14 de outubro de 2004, no Auditório do Anexo II da SMEC, o encontro reuniu professores, gestores e representantes de Conselhos Regionais de Ensino (CRE's) de escolas municipais. Contou com a mediação do biólogo e especialista em Administração Escolar, professor Josué de Castro Xavier que discutiu conjuntamente o tema, possibilitando uma rica troca de experiências e atualização de saberes.

Destacou a importância da atuação individual na melhoria das relações interpessoais. Segundo o professor, cada indivíduo é um agente de transformação e, portanto, assume uma parcela de responsabilidade na criação e consolidação de uma atmosfera vivencial saudável.

Fábio Kalil de Souza. Estudante de Pedagogia, UFBA. Bolsista Finep. E-mail: fabioksouza@ig.com.br

Palestra: **A** Família no contexto social atual

ISP/ Programa Gestão Participativa com Liderança em Educação (PGP/LIDERE), através do Projeto Escola Efetiva: a equipe gestora liderando o sucesso (PEEF), durante este ano de 2004 desenvolveu várias Vivências Pedagógicas com a comunidade Mirantes de Periperi visando promover uma maior interação entre a escola e a família.

A palestra, A Família no contexto social atual, acontecerá no dia 07 de dezembro 2004 das 17h às 19h no pátio da escola e será mediada pelas professora Maria Cleide de Sousa Mira e Maricélia Rodrigues de Andrade.

José Raimundo Paim de Almeida. Estudante de Biblioteconomia, UFBA. Bolsista Finep. E-mail: josepaimufba@ig.com.br

Maria Cleide de Sousa Mira. Pedagoga, UFBA. Especialista em Planejamento, UNIVERSO. Bolsista Finep. E-mail: mira@atarde.com.br

Palestra Limites e Disciplina: uma construção diária

Na tarde do dia 06 de outubro de 2004, aconteceu a palestra Limites e Disciplinas: uma construção diária na Escola Fonte do Capim, direcionada aos pais dos alunos. As mediadoras Cáritas, Maildes e Alcía falaram sobre a influência da família na construção de limites dos filhos e como os reflexos do ambiente familiar interferem na escola e na aprendizagem da criança.

A tarde foi iniciada pela dinâmica: Jardim das Esculturas, na qual os participantes, em dupla, esculpia seu colega e depois, o esculpido também fazia a mesma coisa com o parceiro. Dessa forma, foi estimulada a discussão entre os participantes sobre os limites que são envolvidos durante esta dinâmica e como podemos fazer isso no cotidiano. Com essa dinâmica, os pais ficaram mais desinibidos durante a atividade.

Em seguida, a professora Alcía discorreu sua fala, utilizando uma linguagem clara e objetiva. A palestrante falou sobre os limites que os pais devem construir no espaço familiar para que os filhos desenvolvam sua própria autonomia, deixando claro que esses limites interferem na disciplina, tanto em casa como na escola. Assim, também como na aprendizagem e no ambiente familiar. Os pais ficaram muito satisfeitos e parabenizaram a equipe.

Cáritas Vanucci Batista Santos. Pedagoga, Aluna Especial do Mestrado em Educação, UFBA. Bolsista PGP/LIDERE. E-mail: caritasvanucci@hotmail.com

Maildes Fonseca da Silva. Pedagoga, Especialista em Educação de Jovens e Adultos, Mestranda em Educação – UFBA.

Alcía F. Santos. Pedagoga, Professora Educação Infantil da Escola Municipal Mirantes de Periperi



Vivência Pedagógica

Como Transformar um Grupo em uma Equipe de Sucesso

Em plena tarde de primavera do dia 24 de setembro de 2004 foi realizada a Vivência Pedagógica como Transformar um Grupo em uma Equipe de Sucesso, na Escola Municipal Cidade de Jequié; estavam presentes 20 pessoas da comunidade escolar.

O evento teve como mediadores Estela Márcia Veloso Barreto e Antônio Gualberto Pereira, bolsistas do Programa PGP/LIDERE. Eles conduziram as atividades, interagindo com alunos, professores, colaboradores e gestores da unidade de ensino; todos os participantes buscaram refletir sobre os elementos que contribuem para a formação de uma equipe de sucesso.

Para que um grupo se transforme em uma equipe de sucesso, é necessário que as pessoas que fazem parte dele aceitem o desafio de conviver com a desigualdade. Alguns grupos podem se desintegrar facilmente quando surgem as dificuldades, pois seus integrantes desejam que suas opiniões prevaleçam, e quando não chegam a um consenso, muitos deles são excluídos.

Quando uma comunidade escolar deseja ser uma equipe de sucesso, o desafio de aceitar o outro com suas idéias diferentes, é concretizado com atitudes conciliadoras, a equipe sempre inclui, e assim juntos descobrem que os obstáculos que surgirem só poderão ser vencidos com a ajuda e responsabilidade de cada um.

Estela Márcia Veloso Barreto. Graduada em Licenciatura Plena em Construção Civil, UNEB. Especialista em Administração Universitária, UEC. Bolsista Finep. E-mail: estelaveloso@bol.com.br

Vivenciando a Paz foi o tema ministrado na Escola Comunitária Batista Emanuel pela Psicóloga e Assistente Social Isabel Maria Plácida de Freitas Reis, no dia 27 de outubro de 2004, direcionada a um público de aproximadamente de 50 pessoas, sendo elas professores, comunidade local, equipe gestora e alunos.

Dr^a Isabel conduziu o trabalho, iniciando com uma dinâmica de apresentação onde as pessoas falavam seus nomes e ela os comparava a sons que são transmitidos por uma nota musical.

Depois, pediu que todos circulassem no ambiente, ao som de uma música, e aos pares, se perguntassem o que a pessoa considerava como paz e se ela estava em paz naquele momento. Assim todos puderam se olhar e pensar acerca do tema trabalhado.

Para concretizar a atividade, Dr^a Isabel pediu que as pessoas se agrupassem por série e os pais e professores ficassem juntos às crianças. Em seguida, distribuiu tintas, pincéis e papel para que as pessoas construíssem um quadro que retratasse a paz. Assim, todos trabalharam, e para finalizar, as equipes socializaram suas produções.

Ao som da Música A Paz de Gilberto Gil, todos cantaram e colocaram no peito um broche com um coração desenhado e uma luz que piscava. Foi um final de trabalho alegre e diferente.

Cáritas Vanucci Batista Santos. Pedagoga, Aluna Especial do Mestrado em Educação da UFBA.

Regina Maria de Sousa Fernandes. Licenciada em Letras, Especialista em Pesquisas Educacionais - USP

ENTRE EM CONTATO

Este espaço é seu! Expresse suas críticas e sugestões, questione, faça sua avaliação sobre o Informativo GERIR e envie seus comentários.

1 O que você achou deste exemplar (GERIR,v.10, n.39, set./out. 2004)?

2 O que mais gostou, o que não gostou? _____

3 Que assuntos você gostaria de ver no próximo número? _____

4 Você deseja continuar recebendo o Informativo GERIR?

() SIM () NÃO Por quê? _____

5 Você gostaria de ser assinante do Informativo GERIR?

() SIM () NÃO Por quê? _____

6 Que valor você pagaria por cada exemplar do Informativo GERIR?

() R\$3,00 () R\$5,00 () R\$7,00 () outro/Qual? _____

7 Envie-nos dúvidas, reclamações, sugestões e perguntas nesse espaço ou via e-mail: liderisp@ufba.br

DOBRE AQUI

DOBRE AQUI

Nome: _____ Aniversário: ___/___/___

Endereço: _____

Bairro _____ Cidade: _____ UF: _____

CEP: _____ E-mail: _____

Telefones: () _____ Profissão: _____

Função: _____ Instituição: _____

OBS: _____

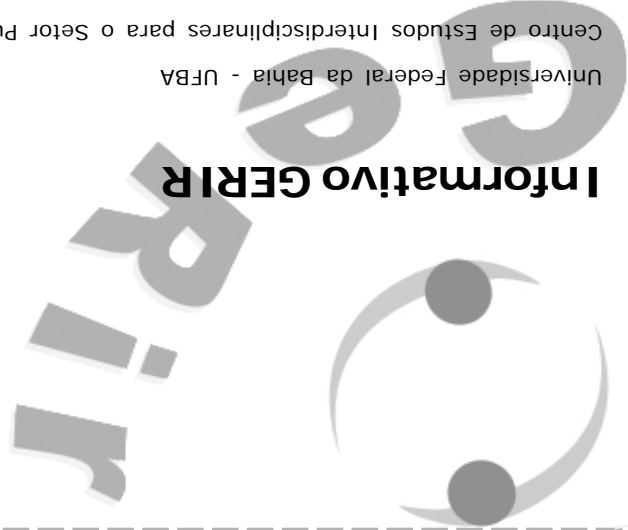
DOBRE

set./out.2004
v.10, n.39,

A/C: Profa. Katia Siqueira de Freitas
CEP 40170-110 - - Salvador - Bahia, Brasil.
Av. Adhemar de Barros, s/n, Pavilhão IV, Campus Universitário de Ondina.
Programa Gestão Participativa com Liderança em Educação - PGP/LIDERE

Centro de Estudos Interdisciplinares para o Setor Público - ISP
Universidade Federal da Bahia - UFBA

Informativo GERIR



DOBRE

DOBRE

PASSE COLA AQUI

PASSE COLA AQUI

Remetente: _____

Endereço: _____

CEP:

-

PASSE COLA AQUI